

JOAQUINA SOARES e CARLOS TAVARES DA SILVA

**OCUPAÇÃO DO PERÍODO PROTO-ROMANO
DO POVOADO DO PEDRÃO
(SETÚBAL)**

Separata de
ACTAS DAS II JORNADAS ARQUEOLÓGICAS, volume I



LISBOA



MCMLXXIII

OCUPAÇÃO DO PERÍODO PROTO-ROMANO
DO POVOADO DO PEDRÃO (SETÚBAL)

por

Joaquina Soares e Carlos Tavares da Silva

I

1. — O primeiro estudo relativo ao Pedrão, publicado em 1965, é da autoria de um dos signatários e de Mateus Gonçalves Cabrita¹. Nele se noticiaram os resultados das primeiras sondagens realizadas, através das quais foi possível reconhecer duas fases de ocupação: uma do Calcolítico e outra lusitano-romana.

Posteriormente, e no decorrer de novas visitas ao Pedrão, encontramos à superfície um fragmento de cerâmica com engobe negro tipo campaniense e uma moeda hispânica o que nos fez pensar na possibilidade de aí ter existido, também, uma ocupação da Idade do Ferro Final.

2. LOCALIZAÇÃO — Como já ficou dito no trabalho anteriormente citado, o Pedrão situa-se sobre um pequeno patamar rochoso

¹ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — «Estação arqueológica do Pedrão (Setúbal)». Publ. do Centro de Estudos Científicos da A. E. da Fac. de Ciências de Lisboa. Lisboa, 1965.

(calcário do Jurássico) da encosta Este da Serra de S. Luis, à cota de 165 m. e a cerca de 3 km. da cidade de Setúbal.

Coordenadas geodésicas:

38° 32' 17" N².

8° 55' 13" W.

Escarpado a Este e com uma encosta Sul muito inacessível devido ao seu acentuado pendor, só a Norte, por uma encosta relativamente suave, e a Oeste pela ligação ístmica ao corpo da serra, os acessos são mais fáceis. (Figs. 3, 4 e 24).

A parte superior da estação, ou seja o patamar propriamente dito apresenta uma planta sub-rectangular a tender para trapezoidal, com um comprimento de cerca de 40 m. e uma largura máxima de cerca de 30 m..

A zona de cota mais elevada encontra-se muito erodida.

A situação do Pedrão, de um ponto de vista estratégico, é verdadeiramente notável.

Vasta a paisagem que dele se avista: a Norte, e separadas do Pedrão pelo vale do Pai Mouro, as alturas da extremidade Sul da Serra dos Gaiteros, com a estação romana do Cabeço Gordo (fig. 7) ³; a NE. a planície pliocénica a perder-se de vista e, a cerca de 800 m., a estação romana de Alferrar ⁴ (fig. 8); a Oriente a cidade de Setúbal onde, do século I ao século IV d.C., houve intensa ocupação romana ⁴; a SE. o estuário do Sado em quase toda a sua amplitude e a Península de Troia, ao fundo, com as ruínas de importante povoação romana (fig. 6); a Sul, a curta distância, cerca de 500 m., o povoado calcolítico da Rotura ⁵ (fig. 6) e o Casalinho, também com vestígios de ocupação romana ⁴; a SW. a Serra da Arrábida; a Ocidente a encosta oriental da

² *Carta Militar de Portugal*. Serviço Cartográfico do Exército. Folha 454; 1 : 25.000. Ed. 1966.

³ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — «Estações romanas da região de Setúbal», *Rev. Cetóbriga*, n.ºs 1 e 2. Setúbal, 1964.

⁴ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — «Estações romanas...

⁵ Carlos Tavares da Silva — «O povoado pré-histórico da Rotura. Vestígios de estratigrafia», *Arquivo de Beja*, vol. XXV-XXVI-XXVII. Beja, 1968-70.

Serra de S. Luís agora ferida pela exploração de uma pedreira; finalmente a NW. o recorte da Serra do Louro nos arredores de Palmela.

A região é rica em pequenos cursos de água e nascentes naturais.

3. NOVOS TRABALHOS ⁶ — Em 22 de Março do ano corrente os signatários recommçaram os trabalhos arqueológicos no Pedrão, procedendo a uma escavação em extensão.

O local foi dividido em quadrículas de 1 x 1 m., com base em um sistema de coordenadas cartesianas previamente traçadas cujos eixos ficaram orientados segundo as direcções N.-S. e E.-W..

O ponto de coordenadas 0,0 m. ficou situado na zona mais elevada da estação, isto é no afloramento rochoso da sua extremidade oriental. A ele foi dada a cota convencional de 20 m..

Adoptámos a apertada malha de 1 x 1 m. por permitir conhecer satisfatoriamente a distribuição do espólio exumado na camada superficial, cuja localização rigorosa, levada à aproximação dos centímetros, não se justificava.

Cada quadrícula foi numerada de Este para Oeste, a partir do eixo N.-S. para os 1.º e 2.º quadrantes; formam fiadas de 40: o Q. 72 fica ao lado do Q. 32 e pertencem ao 1.º quadrante e o Q'. 72 ao lado do Q'. 32 e fazem parte do 2.º quadrante.

4. CONSTRUÇÕES — Após a remoção da camada superficial verificou-se a existência de um sistema de construções constituído por: um amuralhado em arco com a espessura de 1,20 m. e a extensão de 30 m. que defende os lados Norte e Oeste, os de mais fácil

⁶ Este trabalho foi possível graças ao apoio da Câmara Municipal de Setúbal da presidência do Dr. Constantino de Gois a quem muito agradecemos. O nosso reconhecimento é extensivo também ao Dr. Manuel Farinha dos Santos que foi incansável nas condições de trabalho que nos proporcionou, pondo à nossa disposição a sua excelente biblioteca; aos Drs. Adília de Alarcão e Jorge de Alarcão por todos os esclarecimentos que nos deram, principalmente acerca de cerâmica; à Dr.^a Manuela Delgado pela ajuda que nos prestou na análise das cerâmicas de tipo campaniense; aos srs. Coronel Carvalho Fernandes e José Marinho pelo estudo de algumas moedas; aos Drs. Georges Zbyszewski e Veiga Ferreira pelo estudo da fauna mamalógica; aos srs. Arq. Nascimento Oliveira e José Cândido da C. M. S.; finalmente aos excelentes trabalhadores srs. Batalha e Agulha Garra-bila que depressa assimilaram as técnicas de escavação, actuando sempre de forma cuidada.

acesso; muros radiais com o compr. máx. de 6,5 m. e a esp. de 0,40-0,60 m. que partem do amuralhado e se dirigem para a zona interior onde encontram um muro também em arco, sensivelmente paralelo aquele e com a espessura de cerca 0,60 m. (formam-se assim compartimentos de planta sub-rectangular distribuídos ao longo do amuralhado); e muros situados na zona central, paralelos, com a espessura de cerca de 0,40 m. orientados segundo a direcção N.-S. e separados uns dos outros apenas por 0,40 m. (a pequena largura dos espaços compreendidos entre estes muros levanta-nos problemas quanto à função da construção a que pertenceram).

Foi identificada uma entrada a Oeste, onde o amuralhado inflecte para o interior.

As construções são formadas na sua totalidade por blocos de calcário do Jurássico, não aparelhados e ligados por terra, normalmente dispostos em duas fiadas que possuem entre si pequenas pedras.

Os compartimentos até agora identificados são em número de oito e foram numerados a contar do situado mais a SW.. (fig. 5, 9, 10, 13 e 24).

A forma urbanística do povoado do Pedrão assemelha-se extraordinariamente à do povoado ibérico de Vilaró (Olius, Lérida) para a qual BALIL⁷ nota influências da Primeira Idade do Ferro. O mesmo autor descreve-a genericamente do seguinte modo: «poblado de disposición ovalada, ajustada al terreno, en cuyo centro se reconoce una plazoleta, con la charca o cisterna».

Contudo diz não se saber se existirá cisterna no povoado de Vilaró, o que não impede de o considerar o «mejor ejemplo» deste tipo de urbanização e cita o povoado de Puig Castellar (Santa Coloma de Gramanet, Barcelona) que situando-se junto de um rio não possuía cisterna.

5. ESTRATIGRAFIA. — Nas zonas aprofundadas (compartimentos 1 e 7) foi possível observar uma estratigrafia de um modo geral muito nítida.

⁷ Alberto Balil — «Casa y urbanismo en la España Antigua. La Segunda Edad del Hierro», *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*, t. XXXVII, Valladolid, 1971.

5.1. — Junto do amuralhado e do muro W. do compartimento 7, de cima para baixo (figs. 14, 25):

C.1 — (De 0,0 m. a 0,25 m. de prof.):

C.1a — (De 0,0 m. a 0,10 m. de prof.). Terra negra com raízes; materiais pré-históricos do Calcolítico (lâminas de sílex, furadores em sílex, pontas de seta em sílex principalmente mitriformes, cerâmica lisa e decorada: «canelada» e taça tipo Palmela, etc.), da ocupação do período Proto-Romano (cerâmica de tipo campaniense, por ex.) e da ocupação da época Romana. Camada de revolvimento com materiais de todas as ocupações carregados de pontos de cotas mais elevadas onde a erosão pôs a rocha mãe a descoberto.

C.1b — (De 0,10 m. a 0,25 m. de prof.). Terra castanha muito escura com abundância de materiais da época Romana; muitas pedras pequenas e algumas grandes, principalmente na base da camada. Corresponde à ocupação do período Romano, posterior ao nascimento de Cristo. O amuralhado, bem como o muro W. do compartimento 7 afloram na parte superior desta camada.

C.2 — (De 0,25 m. a 0,55 m. de prof.). Terra amarelo-acastanhada quase estéril em materiais arqueológicos, predominando os do período Calcolítico, principalmente na parte inferior da camada; grandes pedras, resultantes possivelmente da destruição do amuralhado e de outras construções. Continuação, em profundidade, do amuralhado, bem como do muro W. do compartimento. Trata-se de uma camada correspondente a uma fase de abandono do povoado, durante a qual foram destruídos, em algumas zonas, estratos da ocupação calcolítica. A existência de grandes pedras soltas que pertenceram, com toda a probabilidade, ao muro e ao amuralhado, é um indício de que estes já existiam antes da ocupação da época Romana.

C.3 — (De 0,55 m. a 0,70 m.):

C. 3a — (De 0,55 m. a 0,65 m.). Terra castanho-avermelhada com materiais calcolíticos e do período Proto-Romano. Os últimos vão-se tornando mais abundantes à medida que nos aproximamos da base da camada. Continuação, em profundidade, do amuralhado e do muro.

C. 3b — (De 0,65 m. a 0,70 m.). Terra castanho-avermelhada com manchas negras contendo cinzas, carvões e restos de cozinha (conchas de moluscos, vértebras e maxilares de peixes e ossos de mamíferos),

fragmentos de cerâmica e objectos metálicos; existência de uma estrutura que designamos por «lar», de contorno sub-circular com cerca de 0,70 m. de diâmetro, construída junto do amuralhado e formada por barro cozido assente sobre fragmentos de cerâmica de grandes vasos (o barro cozido cobre parte das pedras do amuralhado o que prova que este já existia quando da construção da «lar»). Trata-se da camada correspondente à ocupação do período Proto-Romano.

C.4 — (A partir da profundidade de 0,70 m. — não aprofundada). Terra cinzento-amarelada com muitas conchas de moluscos, principalmente da espécie *Tapes decussatus* (Ameijoa), ossos e cerâmicas pré-históricas. Camada correspondente à ocupação do período Calcolítico. O amuralhado e o citado muro assentam sobre ela. Essas estruturas não são por conseguinte calcolíticas mas do período Proto-Romano.

A não existência de uma camada pertencente à fase de abandono entre a ocupação calcolítica e a do período Proto-Romano é talvez explicável pela não existência do amuralhado durante o Calcolítico, que, ao comportar-se como um obstáculo ao transporte dos sedimentos, permitiria um depósito como teria acontecido quando da acumulação dos materiais da C. 2.

5.2. — Na área do compartimento 1, de cima para baixo:

C.1 — (De 0,0 m. a 0,25 m. de prof.):

C. 1a — (De 0,0 m. a 0,10-0,15 m.). Terra negra, humosa, com muitas raízes; materiais arqueológicos do Calcolítico, do período Proto-Romano e da época Romana (um *grande bronze* de Tito, por exemplo). Camada de revolvimento. Os muros afloram na base desta camada.

C. 1b — (De 0,10-0,15 m. a 0,25 m. de prof.). Terra castanha escura com grandes pedras não trabalhadas provenientes da destruição dos muros e numerosos fragmentos de telhas curvas (na parte superior da camada); abundantes cerâmicas lusitano-romanas como fragmentos de ânfora, *dolia*, *terra sigillata* hispânica (fragmentos pertencentes a um vaso da forma 27 de DRAG.) que surgem normalmente sob as grandes pedras e as telhas; raros materiais de outras épocas (alguns calcolíticos). (Fora do compartimento 1, em outros quadrados, surgiram, na mesma camada, mós manuais, anzois de cobre, fíbulas itálicas de charneira, ânforas, *dolia*, algumas *tegulae*, muitas telhas curvas e outra cerâmica lusitano-romana). Os muros continuam em profundidade.

C.2 — (De 0,25 m. a 0,35-0,45 m. de prof.). Terra amarelada, arqueologicamente quase estéril, com algumas grandes pedras resultantes da destruição dos muros. Forneceu escassos materiais, dos períodos Calcolítico, Proto-Romano e Romano. Dos do último há a destacar o aparecimento de grande parte de uma ânfora (corpo e fundo), muito fragmentada pela pressão das terras, e que parece ter sido enterrada nesta camada pelas populações da ocupação romana (fig. 16). Na base da camada surgiu em quase toda a área do compartimento um nível com a esp. de cerca de 0,05 m. em que a terra se torna amarelo-esbranquiçada (corresponderá à desagregação de adobos?). Os muros continuam em profundidade. A C.2 formou-se na fase de abandono compreendida entre as ocupações dos períodos Proto-Romano e Romano.

C.3 — (De 0,35-0,45 a 0,55-0,60 m. de prof.). Terra castanho-avermelhada com manchas cinzentas escuras; carvões e restos de cozinha (conchas de moluscos marinhos, vértebras e maxilares de peixes e ossos de mamíferos), cerâmicas (algumas de tipo campaniense), cossoiros, objectos metálicos, moedas hispânicas e denário de 119 a 110 a.C. (figs. 15 e 26). Sensivelmente a meio do compartimento apareceu um «lar» de contorno circular, com 1 m. de diâmetro máximo, formado por barro cozido assente sobre fragmentos de grandes vasos (fig. 19), do mesmo tipo do encontrado junto do amuralhado, no compartimento 7. A rodear o «lar» a terra era cinzenta escura, quase negra, e continha carvões, cinzas, restos de cozinha, ocupando uma depressão de pequena profundidade (0,15 m. no máx.). Sob uma laje de calcário do canto NW. surgiu um conjunto de objectos constituído por um podão ou foice de ferro, um machado de pedra polida de fibrolite e, sob o podão, uma roçadeira também de ferro e um denário da família Minucia de 119-110 a.C. (figs. 20, 21 e 22).

A construção do compartimento 1 aproveitou uma depressão do lapiás. Os muros são de pedras não trabalhadas e ligadas por terra e assentam sobre a rocha mãe a cotas diferentes (fig. 18), embora as cotas da parte superior de todos eles sejam sensivelmente as mesmas. A sua espessura é de um modo geral de 0,50 m.. O do lado N. apresenta o comprimento de 5 m., estando destruído na sua extremidade Este. O do lado Oriental o compr. de 2,5 m.. O do lado S. o compr. de 4,30 m., estando destruído na sua extremidade W.. O do lado Ocidental está

muito destruído e dele restam apenas algumas pedras de grandes dimensões. A altura máxima destes muros é de cerca de 0,50 m..

O pavimento, ou seja a base da camada 3, era formado por pequenas pedras e terra, batidas, em alguns pontos interrompido por depressões artificiais com terra cinzenta escura, cinzas, carvões, restos de cozinha e materiais arqueológicos.

A C.3 corresponde à ocupação do período Proto-Romano.

C.4 — A da ocupação calcolítica. Inexistente.

C.5 — (De 0,55-0,60 a 0,70 m. de prof.). Terra avermelhada com pedras, provenientes da desagregação da rocha mãe sobre a qual assentam. Arqueologicamente estéril.

O compartimento 1, de forma sub-rectangular a tender para trapezoidal, com o comp. de aproximadamente 5,5 m. e a largura de cerca de 3,5 m., estava provavelmente encostado ao amuralhado que constituiria a sua parede Oeste. O amuralhado foi certamente muito destruído nesta zona devido à abertura de um caminho que presente-mente dá acesso ao Pedrão.

Não conseguimos detectar a porta deste compartimento.

A sua construção deverá remontar à ocupação do período Proto-Romano. Os muros assentam sobre a rocha mãe e nunca sobre a C.3; existem grandes pedras que teriam resultado da destruição daqueles, caídas directamente sobre materiais da C.3, que danificaram, e na C.2 (fig. 17).

Durante esta ocupação é provável que a parte superior das paredes fosse feita de adobos, à semelhança do que se tem verificado em tantos outros povoados da Idade do Ferro (Santa Olaia, por exemplo⁸). O facto de as grandes pedras da C.2-3 não serem em grande número, bem como a existência, na base da C.2, de um nível de terra amarelo-esbranquiçada podem estar de acordo com a nossa suposição.

Não apareceram restos de cobertura. Nenhuma *tegula* ou *imbrex*.

O mesmo compartimento teria sido reutilizado quando da ocupação do período Romano. Nesta época ou os muros foram reconstruídos,

⁸ António dos Santos Rocha — «Memórias e explorações arqueológicas. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira». Acta Universitatis Coninbrigensis. Coimbra, 1971.

tendo-se-lhes acrescentado pedras em altura que após o abandono caíram formando a parte superior da *C. 1b*, ou ainda se encontravam bem conservados, pondo-se, neste caso, de parte a ideia de terem sido primitivamente constituídos por adobos.

Na época Romana a telha curva foi um elemento importante na cobertura deste compartimento.

II

ESPÓLIO

1. DO COMPARTIMENTO 1:

1.1. C.3:

Pedra

1 — Machado-percutor de anfibolito (?); totalmente polido; contorno trapezoidal; secção transversal rectangular; gume com ambas as faces convexas, perpendicular ao eixo maior e rombo devido a reutilização como percutor. Compr. 107 mm.; larg. máx. (no gume) 55 mm.; esp. máx. 32 mm..

Encontrado sob uma pedra e directamente por cima de um fragmento de cerâmica da ocupação do período Proto-Romano. Q. 34 (0,90 m. N.; 0,25 m. W.); C. 3 (cota 17,77 m.).

Inv. Pd/44.

2 — Machado de fibrolite; totalmente polido; contorno trapezoidal; secção transversal elíptica; gume com ambas as faces convexas, perpendicular ao eixo maior, afiado e com vestígios (poucos) de utilização. Compr. 89 mm.; larg. máx. (no gume) 47 mm.; esp. máx. 21 mm..

Encontrado sob a grande laje juntamente com a foice ou podão (fig. 21), a roçadeira e o denário. Q. 74 (0,72 m. N.; 0,74 m. W.); C.3 (cota 17,83 m.).

Inv. Pd/42.

Estes dois machados de pedra polida, pré-históricos, foram encontrados *in situ* na camada de ocupação do período Proto-Romano,

o que poderá significar terem sido reutilizados talvez como peças de carácter mágico.

3 — Calhau rolado de quartzito utilizado possivelmente como percutor. Achatado; contorno oval; secção transversal elíptica; lascagem numa das extremidades. Essa lascagem que ocupava inicialmente toda a extremidade foi mais tarde interrompida por uma zona com picotado resultante da utilização como percutor. Na extremidade oposta não houve lascamento; está também picotada. Compr. 128 mm.; larg. 106 mm.; esp. máx. 46 mm..

Q. 74; C. 3.

Inv. Pd/62.

4 — Calhau rolado de quartzito, sub-cilíndrico, possuindo uma das «bases» arredondada e romba a partir da qual se desenvolve um picotado que abrange parte da superfície lateral. Deve ter sido utilizado como percutor ou «pilão».

Encontrado próximo do disco de cobre (n.º 32) (fig. 23), no Q'33, C. 3.

Inv. Pd/50.

Cerâmica

5 — Fragmento (bordo) de um vaso de forma indeterminada. Superfícies externa e interna de cor castanha muito escura (10 YR 2/2)⁹ junto ao lábio, tornando-se castanho-avermelhada (10 R 5/6) ao iniciar-se o bojo; sem engobe e sem polimento. Vestígios de roda de oleiro. Secção da parede: completamente castanha muito escura junto ao lábio e totalmente castanho-avermelhada ao iniciar-se o bojo. Pasta com textura compacta, com elementos não plásticos de quartzo menores que 0,5 mm.; algumas partículas de mica. Diâmetro na boca 14 mm.; esp. 8 mm. (no bordo) e esp. mínima 4 mm. (ao iniciar-se o bojo).

Encontrado sob o fundo de um grande vaso (n.º 11) no Q. 73 (0,30 m. N.; 0,87 m. W.); C. 3 (cota 17,73 m.).

Inv. Pd/113.

⁹ Como código de cores seguimos «Roch-Color Chart», Geological Society of America, Boulder, Colorado, 1970.

6 — Fragmento do bojo de um vaso, com decoração constituída por caneluras horizontais com cerca de 2 mm. de largura. Superfície externa castanho-avermelhada (10 R 5/6) com manchas negras resultantes, talvez, de ir ao lume; sem engobe e sem polimento. Superfície interna castanho-avermelhada (10 R5/6); sem engobe e sem polimento, com vestígios de roda de oleiro. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanho-avermelhada (10 R 5/6); zona intermédia castanho-acizentada (10 R 5/2); zona superficial interna castanho-avermelhada (10 R 5/6); Pasta com elementos não plásticos muito abundantes, com cerca de 0,5 mm.; compacta. Esp. máx. 4 mm..

Q. 32; C. 3.

Inv. Pd/114.

7 — Fragmento de bordo e de parte do bojo de um vaso possivelmente do tipo *olla*; bordo extrovertido com lábio aplanado. Superfície externa bem alisada; sem engobe e sem polimento; cor não uniforme com zonas castanhas claras (5 YR 5/6) até castanhas muito escuras (10 R 2/2) no bordo. Superfície interna com estrias largas da roda de oleiro; cor mais uniforme, castanho-avermelhada clara (10 R 5/6). Secção da parede de fora para dentro: zona superficial externa nuns pontos castanha clara (5 YR 5/6), noutros pontos castanha muito escura (10 R 2/2); zona castanho-avermelhada (10 R 5/6); zona amarelo-acastanhada (10 YR 6/4); zona superficial interna castanho-avermelhada (10 R 5/6). Pasta com abundantes grãos de quartzo entre 0,5 e 1 mm.; semi-compacta. Diâmetro da boca 180 mm.; diâmetro do colo 150 mm.; diâmetro do bojo 210 mm.; alt. (presumível) cerca de 200 mm.; esp. do bordo 7 mm.; esp. da parede do bojo 5 mm..

Encontrado no cinzeiro em torno do «lar», no Q' 32, C. 3.

Inv. Pd/8.

8 — Fragmento do bordo de um vaso, sem colo, de forma indeterminada. Superfícies sem engobe e sem polimento, acastanhadas claras (5 YR 5/4). Vestígios de roda de oleiro. Secção da parede totalmente acastanhada clara (5 YR 5/4). Pasta com grãos de quartzo em geral menores que 0,5 mm.; e pequenas partículas de mica; compacta. Diâmetro da boca 110 mm.; esp. máx. do bordo 20 mm.; esp. da parede do bojo 10 mm..

Q. 73; C. 3.

Inv. Pd/11.

9 — Fragmento do fundo de um vaso com pé formado por um pequeno degrau levemente oblíquo; fundo (externo) côncavo. Superfícies difíceis de analisar devido às concreções calcáreas nelas depositadas. Superfície externa de um modo geral cinzenta muito escura (5 Y 2/1). Superfície interna, nuns pontos cinzenta muito escura (5 Y 2/1) e noutros castanho-avermelhada (10 R 4/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa cinzenta escura (5 Y 2/1); zona intermédia amarelo-esverdeada (5 Y 5/4); zona superficial interna castanho-avermelhada (10 R 4/6) ou cinzenta escura (5 Y 2/1). Pasta com alguns elementos não plásticos de quartzo com 1 mm. e numerosos com cerca de 0,5 mm.; semi-friável. Diâmetro da base do pé 51 mm.; esp. máx. da parede 8 mm. e esp. mínima 6 mm..

Q. 74 (0,12 m. N.; 0, 50 m. W.); C. 3 (cota 17,85 m.).

Inv. Pd/33.

10 — Fragmento do fundo de um vaso que provavelmente serviu de almofariz; pé baixo, de secção transversal triangular-arredondada; fundo (externo) convexo. Superfície externa alaranjada muito clara (10 YR 8/2) com muitas concreções calcárias que inpedem uma análise mais detalhada. Sup. interna com estrias concêntricas muito estreitas e juntas; cor alaranjada muito clara (10 YR 8/2). Secção da parede totalmente alaranjada muito clara (10 YR 8/2). Pasta com elementos não plásticos normalmente inferiores a 0,5 mm.; semi-compacta (suja os dedos). Diâmetro do pé 125 mm.; esp. mínima da parede 9 mm. e máx. 12 mm..

Q'. 31; C. 3.

Inv. Pd/12.

11 — Fragmento do fundo de um vaso externamente plano e possuindo na periferia uma saliência em degrau arredondado e oblíquo. Superfície externa acastanhada (5 YR 5/6) com numerosos grãos de quartzo visíveis; sem engobe e sem polimento. Superfície interna da mesma cor e com as restantes características. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa acastanhada (5 YR 5/6); zona intermédia negra; zona superficial interna acastanhada (5 YR 5/6). Pasta com abundantes elementos não plásticos maiores do que 1 mm.;

semi-compacta (suja um pouco os dedos). Diâmetro do fundo (externamente) 170 mm.; esp. 14 mm..

Encontrado no seio de uma mancha de terra negra com carvões, sobre uma moeda hispânica de Cetóbriga/Salácia (n.º 40) e o exemplar cerâmico n.º 5, no Q. 73, C. 3.

Inv. Pd/32.

12 — Bocal de ânfora de lábio vertical. Superfície externa castanha clara (5 YR 5/6), sem engobe. Superfície interna castanha um pouco mais escura (5 YR 4/4), com vestígios de roda de oleiro. Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa castanha clara (5 YR 5/6); zona intermédia castanho-chocolate (5 YR 3/4); zona superficial interna castanha (5 YR 4/4). Pasta de textura compacta com numerosos elementos não plásticos de quartzo entre 0,5 e 1 mm.; partículas de mica. Altura do lábio 40 mm.; diâmetro externo da boca 170 mm.; esp. da parede 12 mm..

Encontrado no «cinzeiro» que rodeia o «lar», Q. 32, C. 3.

Inv. Pd/30.

O tipo de lábio desta ânfora cabe perfeitamente no das ânforas itálicas do século I a.C.. Por a altura ser relativamente baixa (40 mm.) parece aproximar-se da Republicana III a de BENOIT («a altura do lábio sempre pequena — 0,04-0,05 m. de compr. —, perfis diversos, inclinada, direita, côncava, reentrante, segundo o retoque dado pela mão do oleiro»¹⁰).

Este tipo de ânfora é aqui, no Sul de Portugal, tal como em Espanha e França onde surge em numerosos povoados indígenas do final da Idade do Ferro, um elemento que contribui para a identificação do que designamos por período Proto-Romano. Com efeito, o seu aparecimento nesses povoados estaria relacionado com o comércio então estabelecido entre as populações indígenas e os romanos ocupantes.

¹⁰ F. Benoit — «Typologie et epigraphie amphoriques. Les marques de Sestius », *Rivista di Studi Liguri*, Ano XXIII, n.º 3-4. 1957.

Cf. ainda: Nino Lamboglia — «Sulla cronologia delle anfore romane di età repubblicana (II-I secolo A. C.)», *Rivista di Studi Liguri*, Ano XXI, n.º 3-4. 1955; J. P. Joncheray — «Essai de classification des amphores découvertes lors de fouilles sous-marines». Imprimerie Louis-Jean — 05 — GAP.; Miguel Beltran Lloris — «Las anforas romanas en España». Institución Fernando el Católico. Zaragoza, 1970.

13 — Fragmento da parede do fundo de um vaso de cerâmica de tipo campaniense, imitação de B, provavelmente forma 5. Pasta amarelo-esbranquiçada (10 YR 8/4) com finíssimas partículas de mica. Engobe negro; aderente; pouco espesso, deixando perceber as estrias; levemente brilhante. Esp. 6 mm..

Q'. 33; C. 3.

Inv. Pd/3. (Não desenhado).

14 — Fragmento de um vaso de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 5. Bordo um pouco inclinado para o exterior; lábio convexo. Pasta amarelo-alaranjada muito pálida (10 YR 8/4); compacta (não suja os dedos); sem mica visível a olho nú. Engobe negro, com certo brilho não metálico; pouco espesso, de espessura irregular o que origina uma variação de cor, ainda que mínima, do negro ao castanho escuro nas zonas de menor espessura; visíveis as estrias horizontais. Esp. entre 2 e 5 mm..

Encontrado numa depressão com terra cinzenta escura, pequenos carvões, conchas e ossos; Q.s 72-73; C. 3.

Inv. Pd/2.

15 — Fragmento de um vaso de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 5. Bordo direito, com lábio convexo. Pasta amarelada muito clara (10 YR 8/4), homogênea, pouco friável (só muito dificilmente suja os dedos); sem mica visível a olho nú. Engobe negro; pouco homogêneo, com zonas onde a cor varia, tomando certa tonalidade negro-acastanhada devido a menor espessura; pouco brilhante, sobretudo na superfície interna; não metalizado; aderente; visíveis as estrias. Superfície externa com três sulcos horizontais, paralelos, regulares, distanciados de 1 mm., existentes na parte inferior do fragmento. Esp. da parede 3 mm..

Encontrado numa zona periférica do «cinzeiro» que envolve o «lar»; Q. 72; C. 3.

Inv. Pd/1.

16 — Fragmento de um vaso de forma indeterminada que parece possuir restos, principalmente na superfície externa, de engobe negro. Pasta cinzento-amarelada clara (5 Y 6/1) com muitas partículas finíssimas de mica; muito depurada; semi-compacta (suja os dedos). Engobe negro, brilhante, não metalizado. Esp. 3 mm..

Encontrado na zona periférica do «cinzeiro» existente em torno do «lar»; Q. 72; C. 3.

Inv. Pd/4. (Não desenhado).

17 — Fragmento de cerâmica de um vaso de forma indeterminada com engobe castanho. Pasta de cor amarelo-alaranjada clara (10 YR 6/4); compacta (não suja os dedos); sem mica visível a olho nú. Engobe castanho-avelã (5 YR 4/4) com pequenas manchas escuras quase negras; espesso; bem aderente; bem conservado; pouco brilhante. Trata-se, provavelmente de uma imitação de campaniense. Esp. 4 mm..

Encontrado no «cinzeiro», nas proximidades dos três últimos descritos; Q. 72; C. 3.

Inv. Pd/5. (Não desenhado).

Neste compartimento surgiram, pois, três tipos de cerâmica de engobe. Cerâmica de pasta fina de cor amarelo-alaranjada pálida (10 YR 8/4), pouco friável, com escassas partículas de mica (observação a olho nú); engobe negro, pouco espesso, deixando perceber as estrias, pouco brilhante (não metalizado). Surgiu apenas a forma 5 que é típica do séc. I a.C. e é a mais frequente em Portugal¹¹.

Cerâmica de pasta muito depurada, cinzento-amarelada clara, com muitas partículas finíssimas de mica, semi-compacta (suja os dedos); engobe (vestigial) negro, brilhante, não metalizado. Não foi possível determinar a forma.

Cerâmica de pasta fina de cor amarelo-alaranjada clara (10 YR 6/4), compacta (não suja os dedos); engobe castanho-avelã (5 YR 4/4) com pequenas manchas quase negras, espesso, aderente, bem conservado. Forma indeterminada.

18 — Fragmento de cerâmica de um vaso de forma indeterminada. Superfície externa com restos de polimento, castanho-amarelada (10 YR 6/4). Superfície interna da mesma cor, com estrias produzidas pela roda. Secção da parede da mesma cor. Pasta de textura pouco

¹¹ Manuela Delgado — «Cerâmica campaniense em Portugal», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra, 1971.

N. Lamboglia «Per una classificazione preliminare della ceramica campana», *Atti del I Congresso Internazionale di Studi Liguri* (1950). Bordighera, 1952.

compacta, folheada e com numerosos elementos não plásticos de quartzo inferiores a 0,5 mm. Esp. 4 mm.

Encontrado sob o disco de cobre, Q'. 33, C. 3.

Inv. Pd/6. (Não desenhado).

19 — Fragmento (com bordo) de um vaso de forma possivelmente esférico-ovoide. Superfície externa alaranjada (10 YR 7/6) sem engobe e sem polimento. Superfície interna laranja-avermelhada (10 R 6/6). Secção da parede, de fora para dentro: zona superficial externa alaranjada (10 YR 7/6), zona intermédia negra e zona superficial interna avermelhada (10 R 6/6). Pasta com elementos não plásticos invisíveis a olho nú e compacta (não suja os dedos). Diâmetro da boca cerca de 80 mm.; esp. máx. 1,5 mm..

Q. 73; C. 3.

Inv. Pd/112.

20 — Fragmento (com bordo) de um vaso de forma esférico-ovóide. Superfícies de cor alaranjada muito clara (10 YR 8/4), sem engobe, polimento ou pintura; vestígios da roda do oleiro na interior. Secção da parede totalmente daquela cor. Pasta com elementos não plásticos invisíveis a olho nú de textura semi-compacta (suja os dedos). Diâmetro da boca cerca de 65 mm.; esp. máx. 1,7 mm..

Q. 73; C. 3.

Inv. Pd/111.

21 — Fragmentos de um vaso de forma indeterminada. Superfície externa com aguada (?) de cor amarelo-alaranjada (10 YR 6/4) Superfície interna cinzenta muito clara (N 8), com vestígios de roda de oleiro. Secção da parede, de fora para dentro: fina película (inferior a 0,5 mm.) amarelo-alaranjada (10 YR 6/4); zona alaranjado-rósea (5 YR 8/4); zona cinzenta (N 5); fina película (inferior a 0,5 mm.) superficial interna cinzenta muito clara (N 8). Pasta com elementos não plásticos de um modo geral inferiores a 0,5 mm., de textura com tendência para o folheado. Esp. 2 mm..

Q. 32; C. 3. Sobre e em torno do «lar».

Inv. Pd/7. (Não desenhado).

As cerâmicas dos n.ºs 19, 20 e 21, especialmente as dos dois primeiros, foram consideradas pelo Dr. Jorge de Alarcão, que as analisou,

como sendo, possivelmente, «paredes finas» republicanas. Não surgiram cerâmicas deste tipo em Conimbriga.

22 — Fragmentos de um vaso de forma indeterminada. Superfície externa muito bem alisada mas observando-se os numerosos elementos não plásticos da pasta; castanho-avermelhada (10 R 5/6). Superfície interna não alisada, áspera ao tacto, irregular; da mesma cor. Secção da parede totalmente da mesma cor. Pasta de textura pouco compacta com numerosos elementos não plásticos com cerca de 0,5 mm.. Esp. da parede 5 mm..

Q. 33; C. 3. Cinzeiro.

Inv. Pd/10. (Não desenhados).

Cerâmica industrial

23 — Fusaiola bitroncocónica, quase piriforme achatada; base côncava; face superior convexa de diâmetro superior ao da base. Pasta cinzenta escura, quase negra (N 2) com numerosos elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm. e partículas de mica. Orifício cilíndrico, centrado. Alt. 20 mm.; diâmetro máx. (face superior) 44 mm..

Q. 34 (0,85 m. N; 0,19 m. W); C. 3 (cota 17,73 m.).

Inv. Pd/13.

Esta forma aproxima-se do tipo V («bitroncocónico com ambos os cones desiguais») de BLASCO BOSQUED¹², embora fuja bastante ao protótipo apresentado por aquele autor, dado que o nosso exemplar possui a base de menor diâmetro do que a face superior. No povoado ibérico da Bastida de Les Alcuses (Valencia)¹³ surgiram algumas fusaio-las, embora poucas, semelhantes (cf. os n.ºs 15 e 18 dos compartimentos 84/85 desse povoado).

¹² C. Biasco Bosqued. — «Las fusaio-las del Museu Arqueologico de Zaragoza», *Miscelanea Jose M. Lacara, Estudios de Arte y Arqueologia*. Zaragoza, 1968.

¹³ D. Fletcher, E. Pla y J. Alcacer — «La Bastida de les Alcuses», *Trabajos Varios da Diputacion Provincial de Valencia del S. I. P.*, n.ºs 24 e 25. Valencia, 1965 e 1969.

24 — Fusaiola cónica de base plana com vestígios (o seu mau estado de conservação impede uma análise detalhada) de decoração constituídos por grandes pontuações. Pasta pouco compacta, com elementos não plásticos de quartzo maiores que 1 mm; castanho-avermelhada (10 R 4/6) com manchas cinzentas principalmente junto da base. Orifício cilíndrico, um pouco descentrado. Alt. 27 mm.; diâmetro máximo (na base) 42 mm..

Q' 32 (0,47 m. N; 0,39 m. W); C. 3 (cota 17,68 m.) — cinzeiro em torno do «lar».

Inv. Pd/23.

Integra-se no tipo VII de BLASCO BOSQUED¹⁴, um dos mais frequentes nas estações da Idade do Ferro da região de Saragoça.

25 — Fusaiola troncocónica de base plana. Pasta cinzenta escura, manchada de castanho-avermelhado (5 YR 5/4) na superfície, com elementos não plásticos de quartzo superiores a 1 mm., pouco compacta. Face inferior (base) decorada por meio de raios feitos a pontilhado que partem do orifício para a periferia. Orifício centrado, bicónico. Alt. 20 mm.; diâmetro máx. 38 mm..

Q. 34 (0,69 m. N.; 1 m. W.); C. 3 (cota 17,78 m.).

Inv. Pd/26.

Pertence ao tipo I de BLASCO BOSQUED¹⁴. Este e o VII são os mais frequentes, do Museu de Saragoça.

26 — Peso de rede (?) discoide. Pasta avermelhada clara (10 R 5/6), compacta, com elementos não plásticos de um modo geral com cerca de 0,5 mm.. Orifício um pouco descentrado, cilíndrico. Diâmetro máximo 67 mm.. Diâmetro mínimo 64 mm.; diâmetro do orifício 18 mm.; esp. máx. 14 mm..

Q. 34; (0,11 N.; 0,39 m. W.); C. 3 (cota 17,71 m.).

Inv. Pd/22.

¹⁴ C. Blasco Bosqued, op. cit..

Metal *

27 — Foice ou podão de ferro. Lâmina de secção triangular; zona de encabamento de sec. rect.. Compr. 300 mm.; larg. máx. 50 mm.; esp. máx. (na zona do cabo) 14 mm..

Q. 74; C. 3. Sob a grande laje, juntamente com o machado de fibrolite do n.º 2, uma roçadeira (n.º 28) e um denário de 119-110 a.C..
Inv. Pd/45.

28 — Pequena roçadeira (?) de ferro, com alvado. Lâmina de secção elíptica. Compr. da lâmina 110 mm.; compr. total 178 mm.; larg. máx. da lâmina 22 mm.; diâmetro máx. (externo) do alvado 26 mm.; esp. máx. da lâmina 5 mm..

Q. 74; C. 3. Sob a grande laje juntamente com os objectos referidos no n.º 27.

Inv. Pd/38.

29 — Fragmento da lâmina de uma foice (?) de ferro, de secção elíptica. Compr. 120 mm.; larg. máx. 25 mm.; esp. máx. 5 mm..

Q. 72 (0,45 m. N.; 0,55 m. W.); C. 3 (cota 17,70 m.).

Inv. Pd/36.

30 — Pequena peça de cobre/bronze, levemente encurvada, pontaguda, provida de cabeça plana. Compr. 6 mm.; larg. máx. (na cabeça) 5 mm..

Q. 31; C. 3.

Inv. Pd/63.

31 — Argola de ferro. Aro de secção circular. Diâmetro interno 34 mm.; esp. do aro 8 mm..

Q. 33; C. 3.

Inv. Pd/43.

32 — «Disco» de cobre/bronze com o diâmetro de 195 mm., apresentando um círculo interno com o diâmetro de 165 mm. constituído por 6 sectores cheios de furos, separados entre si por dois raios

* As peças que se encontram cobertas por concreções resultantes da oxidação foram, no desenho, cheias com ponteados.

feitos também de furos. Possui uma orla sem orifícios com a larg de 15 mm.; esp. máx. cerca de 1 mm..

Q' 33 (0,60 m. N.; 0,80 m. W.); C. 3 (cota 17,81 m.).

Inv. Pd/48.

33 — Fragmento de um bracelete em bronze; maciço; aberto; de contorno oval e de secção sub-quadrangular, tendendo para circular. Eixo maior (interno) da oval cerca de 70 mm.; esp. máxi. do aro 7 mm..

Q. 32 (0,83 m. N.; 0,69 m. W.); C. 3 (cota 17,69 m.). Cinzeiro.

Inv. Pd/39.

34 — Ponta de lança em ferro com alvado. Nervura central pouco saliente e difícil de analisar devido ao grau de oxidação da peça. Compr. da lâmina 90 mm.; compr. total, presumível, 150 mm.; larg. máx. da lâmina 31 mm.; esp. máx. da lâmina 9 mm.; diâmetro máximo do alvado (exterior) 20 mm..

Q. 34 (0,65 m. N.; 0,98 m. W.); C. 3 (17,77 m. de cota).

Inv. Pd/34.

35 — Ponta de lança em ferro, sem alvado. Nervura central pouco saliente e difícil de analisar devido ao grau de oxidação da peça. Compr. da lâmina 90 mm.; compr. total 112 mm.; larg. máx. da lâmina 27 mm.; esp. máx. da lâmina 7 mm..

Q' 34 (0,90 m. N.; 0,20 m. W.); C. 3 (cota 17,75 m.).

Inv. Pd/41.

36 — Peça de ferro, de uso desconhecido, constituída por uma haste de secção rectangular com uma dilatação de contorno sub-circular e achatada numa das extremidades. Compr. 490 mm.; larg. máx. da haste 14 mm.; esp. máx. da haste 7 mm.; diâmetro máx. da parte dilatada 25 mm.; esp. máx. da parte dilatada 6 mm..

Q' 34; C. 3.

Inv. Pd/49.

37 — Fragmento de uma peça em ferro semelhante à anterior com parte da haste de secção rectangular terminada igualmente por uma dilatação achatada de contorno sub-circular. Haste com 14 mm. de larg. máx., 12 mm. de esp. máx.; dilatação com diâmetro máx. de 28 mm. e esp. máx. de 9 mm..

Q. 74; C. 3.

Inv. Pd/40.

38 — Folha de chumbo com cerca de 5 mm. de espessura que foi como que amachucada, apresentando diversas dobras. Este exemplar, tal como se encontra tem 130 mm. x 60 mm. x 55 mm..

Q. 34 (0,68 m. N.; 0,33 m. W.); C. 3 (cota 17,75 m.).

Inv. Pd/65. (Não desenhada).

Moedas

39 — Asse de Gades. Anv. com a cabeça de Hércules à esquerda, coberta por pele de leão, e uma clava atrás. Rev. com dois atuns voltados à esquerda, tendo à sua frente um crescente e um ponto e em cima e em baixo legendas em caracteres de tipo púnico. Bronze. 10,4 gr.; 25,3/25,4 mm..

Q. 34 (0,59 m. N.; 0,42 m. W.); C. 3.

Inv. Pd/59¹⁵. Fig. 27.

40 — Asse de Cetóbriga/Salácia. Anv. com a cabeça de Hércules à esquerda, muito mal conservada, tendo atrás uma clava. Rev. com dois golfinhos à esquerda e entre estes, da direita para a esquerda, o ponto e o crescente e o primeiro carácter da legenda indígna. Bronze. 13,6 gr.; 25,7/25,8 mm..

Q. 73; C. 3.

Inv. Pd/60¹⁵.

41 — Moeda republicana. Anv.: cabeça de Pallas à direita, com o capacete alado; atrás Rev.: TI MINVCI CF à esquerda; à direita AVGVRINI; em cima ROMA; dois homens de pé, um com dois pães e o pé sobre um globo, o outro com o «lituus»; entre eles uma coluna com uma estátua em cima e duas espigas na base. Prata (forrada). 3,1 gr.; 18,4/18,8 mm..

Denário da família MINVCIA (119-110 a.C.)¹⁶.

Q. 74; C. 3. Sob a foice ou podão que se encontrava debaixo da grande laje.

Inv. Pd/66. Fig. 28.

¹⁵ O estudo mais desenvolvido das moedas hispânicas encontradas no Pedrão constituiu outra comunicação apresentada a estas Jornadas, de colaboração com M. Farinha dos Santos.

¹⁶ Estudo realizado pelo numismata Coronel Carvalho Fernandes.

Fauna

MOLUSCOS:

- *Mytilus edulis* (L.). (Mexilhão). O molusco mais abundante; 0,273 kg..
- *Pecten maximus* (L.) (Vieira). Escasso; 0,122 kg..
- *Cardium* sp. Escasso; 0,001 kg..
- *Tapes decussatus* (L.). (Ameijoia). Muito abundante; 0,125 kg..
- *Solen vagina* (L.) (Navalha). Escasso; 0,003 kg..
- *Patella* sp. (Lapa). Abundante; 0,038 kg..
- *Trochocochelea lineata* (Da Costa). Escasso; 0,018 kg..

EQUINODERMES:

Fragmentos de couraça de um equinídeo regular (Ouriço do Mar).

PEIXES:

- Vértébras de *Teleostei*.
- Fragmentos de maxilares de *Sparus aurata* L. (Dourada).

AVES:

É possível, com reservas, atribuir um osso a uma ave.

MAMÍFEROS:

- *Lepus cuniculus* L. (Coelho).
 - *Cervus elaphus* L. (Veado).
 - *Sus* sp.. Parece tratar-se do Porco doméstico.
- Peso total dos ossos de peixes, aves e mamíferos: 0,714 kg..
Proporção conchas de *Mytilus* / carne = 2,35 kg. para 1 kg..

Proporção ossos / carne = 1 kg. para 20 kg.¹⁷.

Pelo estudo da fauna ficam bem patententes a recollecção de moluscos e de outros invertebrados marinhos, a pesca e a caça. É menos nítida a criação de animais domésticos. Verifica-se também um consumo de carne de *Mytilus edulis* no valor de 0,116 kg. e um consumo de carne de vertebrados no valor de 14,28 kg..

1.2. C. 2:

No escasso espólio exumado da C. 2 do compartimento 1, há a considerar materiais das ocupações calcolítica, do período Proto-Romano e romana.

Pertence possivelmente à segunda ocupação o fragmento de ânfora a seguir descrito.

42 — Fragmento de bocal de ânfora de lábio pouco inclinado com 40 mm. de altura; existência, abaixo do lábio, de um *bouret*. Superfícies de cor alaranjado-acastanhada (5 YR 6/6); secção da parede da mesma cor. Vestígios de roda de oleiro. Textura compacta com tendência para friável (suja os dedos esfregando na fractura) com abundantes elementos não plásticos de quartzo entre 0,5 mm. e 1 mm. e escassas partículas de mica.

Q'. 31; C. 2.

Inv. Pd/14.

Este perfil parece ter paralelos nos dos estratos VI A² (cerca de 50 a.C.) e VI A¹ (cerca de 30 a.C.) de Albintimilium, nos quais se observa um decréscimo do lábio alto e vertical, por um lado, e uma multiplicidade de variedades de lábios, em contradição com a uniformidade do período precedente, por outro¹⁸.

¹⁷ Dados obtidos em: A. Treganza e S. F. Cook — «The quantitative investigation of aboriginal sites: complete excavation with physical and archeological analysis of a single mound», *American Antiquity*, 13. 1948.

¹⁸ Nino Lamboglia — «Sulla cronologia ...

2. DO COMPARTIMENTO 7 (corte junto do amuralhado):

2.1. C. 3:

Metal

43 — Pequena lâmina de cobre (?) dobrada sobre si mesma sensivelmente a meio, de forma rectangular. Uma das extremidades encontra-se também dobrada; a outra fica no interior dessa dobra. Compr. 33 mm.; larg. 7 mm.; esp. 1 mm..

Q. 601-701; C. 3.

Inv. Pd/64.

44 — Agulha em cobre/bronze. Secção circular. Orifício elíptico. Compr. 95 mm.; esp. máx. 2 mm..

Q. 660 (0,33 m. N.; 0,61 m. W.); C. 3. Rodeada de carvão, sobre o «lar».

Inv. Pd/47.

45 — Pregos de cobre/bronze; cabeça quadrangular; secção do corpo quadrangular. Compr. 67 mm.; esp. máx. 3 mm..

Q. 661-701; C. 3a.

Inv. Pd/19.

2.2. C. 2:

Cerâmica

46 — 3 fragmentos de um vaso de forma indeterminada. Superfície externa negra, decorada por um recticulado de losangos obtidos por meio de caneluras pouco fundas. Superfície interna negra com vestígios dos sulcos produzidos por acção da roda. Secção da parede totalmente negra. Textura pouco compacta com numerosos elementos não plásticos com cerca de 0,5 mm., de quartzo. Finas partículas de mica. Esp. da parede 6 mm..

Q. 660-770; C. 2.

Inv. Pd/20.

47 — Fragmento possivelmente pertencente ao mesmo vaso dos do n.º anterior, notando-se a existência de carena. Superfície externa

negra decorada por meio de igual motivo mas só de um lado da carena, ficando o outro lado liso. Superfície interna negra com vestígios produzidos por acção da roda. Secção da parede negra. Textura como a do n.º anterior. Finas partículas de mica. Esp. 6 mm..

Q. 661-701; C. 2.

Inv. Pd/21.

Moeda

48 — Moeda republicana. Anv.: cabeça de Baco à direita, jovem e sem barba com uma coroa de hera e o cabelo caído sobre o pescoço. Rev.: Pegaso à direita sobre uma cartela com TITI. Prata. 3 gr.; 17/18 mm..

Denário de Quintus Titius, cunhado cerca de 88-87 a.C.¹⁹.

Q. 582; C. 2.

Inv. Pd/162. Fig. 28.

3. DA CAMADA SUPERFICIAL.

A camada 1 (superficial) fornece materiais dos três períodos de ocupação do povoado. Seleccionámos os que, pela sua tipologia, parecem corresponder à ocupação do período Proto-Romano.

Cerâmica

49 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 1. Lábio convexo a tender para aplanado. 2 caneluras paralelas e horizontais sob o bordo, na superfície externa. Pasta amarelo-alaranjada clara (10 YR 8/4), um pouco friável (suja muito os dedos) e com finíssimas partículas de mica. Engobe negro, pouco espesso e parcialmente estalado. São visíveis estrias na superfície externa. Esp. máx. 5 mm..

Q. 532; C. 1.

Inv. Pd/52.

¹⁹ Estudo efectuado pelo numismata José Marinho.

50 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B (?), forma 1. Lábio convexo com leve espessamento externo. Pasta amarelo-alaranjada (5 YR 8/4), em alguns pontos muito rosada (5 YR 7/4); finas partículas de mica. Externamente, o engobe, pouco homogêneo, apresenta uma zona horizontal negra imediatamente a seguir ao lábio com cerca de 20 mm. de largura constante em todo o fragmento; abaixo desta zona o engobe é castanho-escuro, talvez devido à sua menor espessura. Internamente é negro em quase toda a superfície, com alguns pontos negro-acastanhados. Engobe, de um modo geral, pouco espesso (principalmente o castanho escuro), pouco aderente e baço. Esp. máx. 7 mm..

Encontrado à superfície antes da divisão do campo.

Inv. Pd/51.

51 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 1. Pé baixo e oblíquo. Parede encurvada. Pasta de cor pouco homogênea, sendo a predominante amarelo-alaranjada pálida (10 YR 6/4), um pouco friável (suja os dedos), com frequentes partículas finas de mica. O engobe desapareceu em quase todo o fragmento; é negro e negro-acastanhado e apresenta um leve brilho. Esp. máx. da parede do vaso 7 mm..

Q. 535-575; C. 1.

Inv. Pd/56.

52 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 2. Bordo extrovertido de lábio convexo. Pasta amarelo-alaranjada pálida (10 YR 7/6), pouco friável (suja os dedos com dificuldade) e com finas e escassíssimas partículas de mica. Engobe negro-azulado, pouco brilhante e pouco estalado que deixa perceber as estrias provocadas pelo emprego da roda do oleiro. Esp. máx. 6 mm..

Q. 546; C. 1a.

Inv. Pd/55.

53 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 3. Pasta amarelo-claro-acinzentada (10 YR 7/2), com finas partículas de mica. Engobe azul muito escuro, espesso, pouco brilhante, quase baço. Esp. máx. da parede 7 mm..

Q. 661; C. 1.

Inv. Pd/57.

54 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 5. Bordo levemente introvertido; lábio convexo com espessamento interno. Pasta amarelo-alaranjada muito pálida (10 YR 7/6), pouco friável, com finíssimas partículas de mica. Engobe azul muito escuro, espesso, aderente, pouco brilhante, quase baço. Esp. 6 mm..

Q. 575; C. 1.

Inv. Pd/54a.

55 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 5. Lábio convexo. Pasta de cor amarelo-alaranjada pálida (10 YR 7/6), pouco friável e com finas partículas de mica. O engobe, que desapareceu em quase todo o fragmento, não permite uma observação detalhada. Esp. 6 mm..

Q. 494; C. 1.

Inv. Pd/54.

56 — Fragmento de cerâmica tipo campaniense, imitação de B, forma 5. Pé com a extremidade em moldura, formando uma gola entre o pé e a parede. Fundo interno decorado por 2 circunferências concêntricas feitas por roleta. Pasta beije esbranquiçada (10 YR 7/2), esponjosa, com finas e escassíssimas (a olho nú) partículas de mica. Engobe negro-azulado, em alguns pontos azul escuro, pouco espesso, mal conservado. Esp. máx. 12 mm..

Q. 426; C. 1a.

Inv. Pd/53.

Dos numerosos exemplares de cerâmica tipo campaniense surgidos até agora na camada superficial do Pedrão, escolhemos os anteriormente descritos que constituem um conjunto representativo dos tipos de formas e de fabricos presentes. As formas são: 1, 2, 3 e 5, sendo a 5, seguida da 1, as mais frequentes o que está de acordo com o que sucede em outras estações portuguesas que deram esta cerâmica²⁰. Tais formas são típicas dos finais do século II e do século I a.C.²⁰

Temos a salientar um tipo de fabrico muito específico que aparece nas formas 2, 3 e 5: pasta fina, amarelo-alaranjada pálida (10 YR 7/6) com finíssimas partículas de mica; engobe negro-azulado ou azul escuro, espesso, pouco brilhante, quase baço.

²⁰ Manuela Delgado — op. cit..

Cerâmica industrial

57 — Fragmento de fusaiola bitroncocônica com o tronco de cone inferior muito baixo. Base com depressão cônica na parte central. Pasta laranja-amarelada (10 YR 6/4) com manchas cinzentas, semi-friável com alguns elementos não plásticos de quartzo com cerca de 0,5 mm. Alt. 17 mm.; diâmetro máx. 30 mm..

Q. 457, C. 1.

Inv. Pd/31.

58 — Fragmento de fusaiola tronco-cônica de base plana. Pasta negro-acastanhada (10 R 2/2), com a superfície castanho-avermelhada (10 R 4/6), compacta, com elementos não plásticos de quartzo maiores do que 1 mm.. Base decorada por pontuações que formam duas fiadas concêntricas em torno da abertura do orifício e com incisões radiais na periferia. Orifício cilíndrico, um pouco descentrado. Alt. 33 mm.; diâmetro máx. 38 mm..

Q. 535-575; C. 1.

Inv. Pd/24.

59 — Fusaiola bicônica. Pasta castanho-avermelhada (10R5/6), compacta, com poucos elementos não plásticos de quartzo com cerca de 1 mm.; finíssimas partículas de mica. Orifício cilíndrico, centrado. Alt. 18 mm.; diâmetro máx. 32 mm..

Q. 136; C. 1.

Inv. Pd/110.

60 — Fusaiola esférica achatada com a base côncava. Variante da bitroncocônica. Pasta de cor heterogênea, indo do castanho-avermelhado (10 R 4/6) ao negro, compacta, com elementos não plásticos de um modo geral menores que 0,5 mm.; finíssimas partículas de mica. Orifício afunilado e centrado. Alt. 15 mm.; diâmetro máx. 27 mm..

Q. 31; C. 1.

Inv. Pd/27.

61 — Fusaiola bitroncocônica achatada, de base côncava. Pasta castanho-avermelhada (10 R 5/6), compacta, com elementos não plásticos inferiores a 0,5 mm.; finíssimas partículas de mica. Orifício cilíndrico, centrado. Alt. 20 mm.; diâmetro máx. 46 mm..

Q.' 33; C. 1b.

Inv. Pd/28.

62 — Fusaiola troncocónica de base plana; quase cilíndrica. Pasta castanha (5 YR 4/4) com manchas cinzentas, compacta, com alguns elementos não plásticos superiores a 1 mm.; finíssimas partículas de mica. Decoração na superfície lateral do cone feita por incisões perpendiculares à base. Orifício cilíndrico e centrado. Alt. 16 mm.; diâmetro máx. 34 mm..

Q.' 31; C. 1b.

Inv. Pd/29.

63 — Fusaiola bicónica. Pasta castanha (5 YR 4/4), compacta, com alguns elementos não plásticos de quartzo maiores que 1 mm.. Orifício cilíndrico, descentrado. Alt. 16 mm.; diâmetro máx. 29 mm..

Q. 655; C. 1.

Inv. Pd/46.

64 — Fusaiola bitroncocónica com o cone inferior muito baixo e de base côncava. Pasta castanha (5 YR 4/4), compacta, com alguns elementos não plásticos superiores a 1 mm.. Orifício cilíndrico e centrado. Alt. 22 mm.; diâmetro máx. 38 mm..

Q. 136; C. 1.

Inv. Pd/111.

Por ser possível a perduração das fusaiolas na época Romana, e por falta de estudos tipológico-estratigráficos, torna-se difícil distinguir nos exemplares estudados provenientes da camada superficial, desintegrados do contexto original, os que correspondem à ocupação do período Proto-Romano. As dúvidas avolumam-se sobretudo em relação aos que surgiram na C. 1b (n.º 61 e 62).

Metal

65 — Fíbula em bronze de mola bilateral com 4 espiras, de corda interna; ponte em arco alto e de secção sub-rectangular. Na extremidade do pé há uma protuberância. Compr. máx. 57,5 mm.; alt. máx. 30 mm..

Q. 494; C. 1b.

Inv. Pd/18.

66 — Fíbula de bronze a que falta o fusilhão, parte do pé e da mola. Ponte angulosa, triangular, de altura média, com a parte inicial aplanada de secção sub-rectangular e a restante parte de secção sub-quadrangular. No ponto de transição entre essas duas partes do arco, existe uma zona com decoração formada por duas linhas em relevo, paralelas. Mola externa; dela restam apenas 2 espiras. Compr. máx. 69 mm.; alt. provável 23 mm..

Q. 497; C. 1b.

Inv. Pd/17.

Trata-se de uma fíbula de La Tène III²¹, tipo Naunheim²².

J. DÉCHELETTE²³ caracteriza a fíbula de Nauheim do seguinte modo: «par un ressort à quatre spires, sans griffe, un arc faiblement infléchi, à dos plat, et qui va en s'amiucissant de la tête au pied». Alguns autores pretendem que este tipo de fíbula tenha surgido na segunda metade do século I a.C., criado após a conquista da Gália por Júlio César e perdurado até à época de Augusto-Tibério. Pensa-se que a sua origem foi Ocidental, tendo a região do Reno Médio fornecido grande número destas fíbulas²². No oppidum de Baou-Rouge surgiu um exemplar deste tipo em um contexto que vai até às últimas décadas do século II a.C., com ânfora greco-italica²⁴. Em Portugal há notícia do achado de duas destas fíbulas no castro de Lomba do Canho (Beira Alta)²². Encontrámos também este tipo em Miróbriga (Santiago de Cacém).*

67 — Aplicação metálica de bronze, ornamentada por motivos onde predomina a «corda», elemento tão comum na decoração da cultura castreja. Esta aplicação metálica é quase igual a uma outra surgida na Citânia de Briteiros e considerada, com reservas, por

²¹ José Fortes — «As fíbulas do Noroeste da Península», *Portugália*, II. 1905.

²² João de Castro Nunes — «Fíbulas de tipo Nauheim no castro da Lomba do Canho, em Arganil», *Rev. de Guimarães*. 1959.

²³ J. Déchelette — «Manuel d'Archeologie», IV. Paris, 1927.

²⁴ Marcel Honoré — «L'Oppidum préromain du Baou-Rouge. Note préliminaire», *Cahiers Ligures de Préhistoire et d'Archeologie*, 17. 1968.

* Fomos informados por M. Farinha dos Santos e por Salette da Ponte de que este tipo de fíbula aparece também, respectivamente, no cabeço de Vaia-monte e em Conimbriga.

MÁRIO CARDOZO²⁵ como placa de cinturão. Outra placa metálica com ornamentação também semelhante, proveio do Castro de Sabroso²⁵. Larg. 27 mm.; esp. máx. 2 mm..

Q. 505; C. 1.

Inv. Pd/16.

68 — Pendente em forma de chouriço, de bronze/cobre. Secção oval/circular. 20 mm. x 26 mm. Esp. máx. 8 mm..

Q. 273; C. 1.

Inv. Pd/15.

Sobre objectos como este, publicou Leite de Vasconcelos²⁶ algumas considerações a propósito de uma xorca dos arredores de Lagoa, com doze «chouriços» nela enfiados. Emite a opinião dos objectos deste tipo serem da Idade do Ferro pelo seu frequente aparecimento em contextos dessa época e refuta a idéia emitida por Santos Rocha²⁷ de se tratarem de arrecadas. Designa-os por «chouriços» e «chouricinhos».

O último achado que conhecemos destas peças foi realizado na necrópole da Idade do Ferro do Monte Da-Do-Mealha-Nova (Ourique)²⁸; são designadas pelos autores que as publicam por «sanguessugas» ou «contas de xorca».

69 — Fragmento de bracelete (?) em bronze, de secção oval-facetada. Esp. máx. 9 mm..

Q. 184; C. 1.

Inv. Pd/35.

²⁵ Mário Cardozo — «Citânia de Briteiros e Castro de Sabroso». Guimarães, 1956.

²⁶ J. Leite de Vasconcelos — «Estudos sobre a Época do Ferro em Portugal», *O. Arch. Port.*, 24.

²⁷ A. dos Santos Rocha — op. cit..

²⁸ M. M. Alves Dias, C. M. Beirão e L. Coelho — «Duas necrópoles da Idade do Ferro do Baixo Alentejo: Ourique», *O Arq. Português*, S. 3, vol. 4. Lisboa, 1970.

Moedas

70 — Asse de Gades. Anv. com a cabeça de Hércules à esquerda, coberta por pele de leão; atrás uma clava; orla a ponteados. Rev. com dois atuns voltados à esquerda; à sua frente um crescente e um ponto; por baixo legenda em caracteres de tipo púnico; orla a ponteados. Bronze. 14,4 gr.; 30,9/31,1 mm..

Q. 50; C. 1.

Inv. Pd/58.

71 — Asse de Cetóbriga/Salácia. Anv. com a cabeça de Hércules à esquerda, coberta com pele de leão; atrás a clava; orla a ponteados. Rev. com dois atuns voltados à direita; entre eles a legenda indígena; orla a ponteados. Bronze. 12,5 gr.; 26,5/26,8 mm..

Q. 494; C. 1.

Inv. Pd/61. Fig. 27.

72 — Asse de Gades ou de Cetóbriga/Salácia, em péssimo estado de conservação, sendo impossível a determinação exacta da oficina onde foi cunhado. Anv. com cabeça de Hércules à esquerda. Rev. onde só é perceptível um atum virado à direita. Bronze. 12 gr.; 24,9/25,5 mm..

Superfície. Encontrado antes da divisão do campo.

Inv. Pd/123.

73 — Semisse provavelmente de Castulo. Anv. com cabeça à direita. Rev. com touro em marcha, virado à esquerda e com a cabeça de frente. Encontra-se anepígrafe. Bronze. 4,5 gr.; 17,5/17,6 mm..

Q. 10; C. 1.

Inv. Pd/115. Fig. 27.

Para um estudo mais aprofundado destes numismas ver «Moedas hispânicas do povoado do Pedrão (Setúbal)», comunicação apresentada a estas Jornadas, de colaboração com M. FARINHA DOS SANTOS.

III

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Denominamos período Proto-Romano o do impacto entre as populações indígenas e os exércitos de Roma, constituindo a transição da Idade do Ferro para o período Lusitano-Romano.

A sua delimitação cronológica, embora variável de região para região, está de um modo geral compreendida para o nosso território entre os primórdios do século II a.C. («pelo que nos dizem as memórias escritas, é em 193 que aparecem pela primeira vez os Lusitanos claramente em luta com os Romanos» J. LEITE DE VASCONCELOS²⁹, embora em 218 se tenha verificado a entrada na Península de Cneo Cornelio Scipião, aquando da 2.^a Guerra Púnica, e já em 226 tenha ocorrido o Tratado do Ebro, entre Romanos e Cartagineses) e os finais do século I a.C. quando começou a operar-se a ocupação romana com carácter estável (em 25 a.C., em plena Guerra Cantábrica que só vem a terminar em 19 a.C., é fundada Emerita Augusta por ordem de Augusto para alojar os soldados veteranos das legiões V *Alaudae* e X *Gemina*, cidade que fica como capital da província da Lusitânia «onde não se atingirá uma plena romanização senão em fase avançada do Império e só muito lentamente» — MARTÍN ALMAGRO³⁰; por outro lado, em Conímbriga, um *oppidum* da Idade do Ferro subsiste até à construção do criptopórtico na época de Augusto)³¹.

A esse período pertencem não só estações de origem indígena como também de fundação romana (acampamentos, fortificações), testemunhos das lutas travadas.

Com frequência surgem nas primeiras elementos arqueológicos típicos das segundas, como nestas aparecem elementos próprios daque-

²⁹ J. Leite de Vasconcelos — «Religiões da Lusitânia», vol. III. Lisboa, 1913.

³⁰ Martín Almagro — «Guia de Mérida». Quinta Edição, 1972.

³¹ R. Etienne e J. Alarcão — «La chronologie des cryptoportiques a Conimbriga», *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, vol. II. Coimbra, 1971.

las, resultado das influências recíprocas que, desde os primeiros contactos certamente se fizeram sentir.

No actual estado dos nossos conhecimentos sobre o Pedrão, limitados pela restrita área escavada em profundidade, julgamos estar em presença de um povoado com um estrato de ocupação do período Proto-Romano.

Após o presente estudo podemos estabelecer os seguintes pontos:

1. Foram reveladas, por estratigrafia bem nítida, três ocupações: calcolítica, do período Proto-Romano (finais do séc. II e séc. I a.C.) e lusitano-romana separada da anterior por uma fase de abandono.

2. Do estudo da ocupação do período Proto-Romano, de que nos ocupámos, quanto às estruturas há a salientar o sistema de construções formado pelo amuralhado em arco de círculo e pelos compartimentos de planta sub-rectangular edificados de encontro àquele. Nos dois compartimentos (1 e 7) em que se atingiu a camada 3, correspondente à ocupação do período Proto-Romano, observaram-se estruturas de forma circular com cerca de 1 m. de diâmetro, constituídas por barro cozido assente sobre fragmentos de cerâmica de grandes vasos — «lares». São muito semelhantes às descobertas nas habitações da Idade do Ferro de Conímbriga.

Esta urbanização, em que as estruturas se adaptam perfeitamente à morfologia do terreno, com os compartimentos dispostos de encontro ao amuralhado, tem o seu melhor paralelo no povoado ibérico de Vilaró de Olius (Lérida).

3.1. No compartimento 1, onde se fez a escavação praticamente integral da C. 3, obtivemos, numa camada selada, um contexto caracterizado pelo seguinte espólio:

- a) Bocal de ânfora cujo perfil cabe no das ânforas republicanas do século I a.C..
- b) Cerâmica de tipo campaniense, imitação de B, na forma 5 (finais do séc. II e séc. I a.C.).
- c) Duas moedas hispânicas, uma de Gades e outra de Cetóbriga/Salácia, atribuíveis aos meados do séc. I a.C..
- d) Um denário da família Minucia de 119-110 a.C..

Notou-se a ausência de *terra sigillata*, dado negativo importante para a determinação do limite inferior da cronologia.

3.2. Pensamos que talvez se possa datar esta ocupação dos finais do séc. II a cerca de 25 a.C..

4. Foram recolhidos na C. 1 (superficial) alguns objectos (abundante cerâmica tipo campaniense nas formas 1, 2, 3 e 5; fusaiolas; fíbula La Tène III; elemento de xorca; moedas hispânicas de Gades, Cetóbriga/Salácia e Castulo) que pela sua tipologia se podem incluir no mesmo período, vindo confirmar a sua cronologia e marcar a presença do elemento cultural dos fins da Idade do Ferro.

5. O espólio da C. 3 do compartimento 1 permite extrair algumas ilacções acerca da economia e de outras actividades da população.

5.1. O aparecimento de conchas de moluscos marinhos e de escassos fragmentos de carapaça de Ouriço do Mar corresponde à recollecção de «marisco», principalmente de *Mytilus edulis* (Mexilhão) e de *Tapes decussatus* (Ameijoa).

5.2. As vértebras e maxilares de peixes e o provável peso de rede estão de acordo com uma actividade pesqueira.

5.3. Os ossos de animais como o Coelho e o Veado indicam a caça.

5.4. O único animal identificado com probalidades de ser doméstico foi o pertencente ao género *Sus* (Porco).

5.5. Através dos restos de alimentação recolhidos (guardaram-se todos os fragmentos de conchas e ossos) verificou-se um consumo de 0,116 kg. de carne de *Mytilus edulis* e 14,28 kg. de carne de peixes, aves e mamíferos, valores que só devem corresponder ao último momento da ocupação do compartimento durante o período Proto-Romano.

5.6. O podão ou foice e a roçadeira estarão relacionados com a realização de actividades agrícolas?

5.7. As fusaiolas atestam a prática da tecelagem.

5.8. As pontas de lança parecem ser vestígios de uma actividade guerreira.

6. Na região de Setúbal, o Pedrão é, por enquanto, a única estação que forneceu materiais do período Proto-Romano.

Nos arredores de Palmela, Chibanes³² apresenta também materiais desse período (cerâmica de tipo campaniense, fíbulas de La Tène II e III, moeda hispânica de Cetóbriga/Salácia com o nome do magistrado no anverso em caracteres latinos e a legenda indígena no reverso, fusaiolas) embora sem estratigrafia.

Alferrar, Comenda, Setúbal (cidade) e tantas outras estações romanas da margem direita do estuário do Sado³³ e situadas de um modo geral em zonas baixas, deram espólio sempre posterior ao nascimento de Cristo.

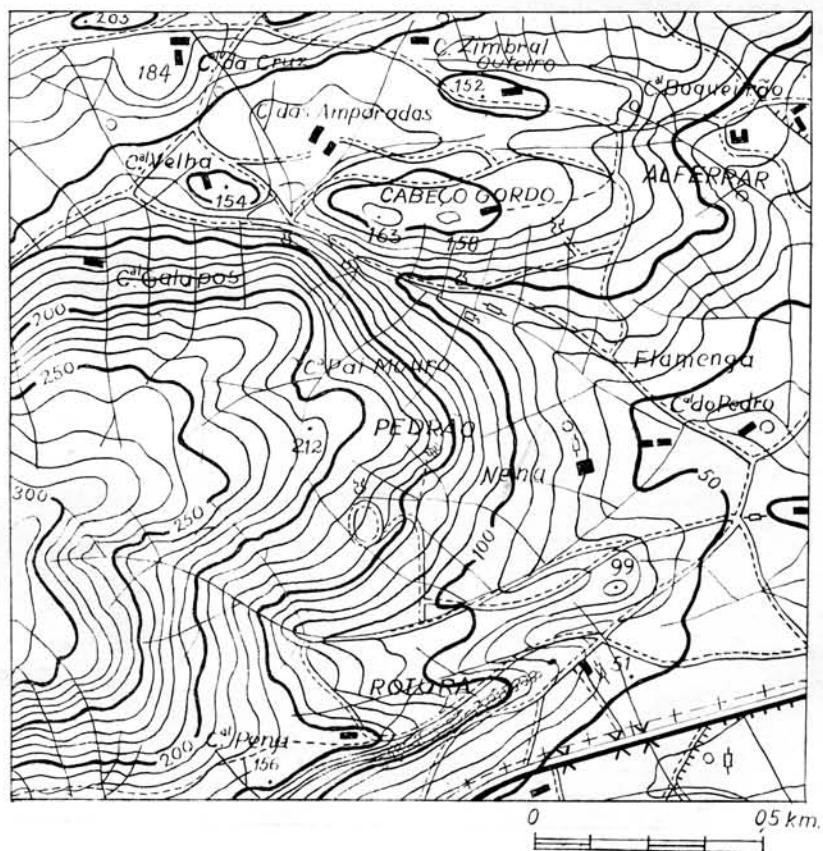
De Tróia, na margem esquerda, os materiais mais antigos conhecidos não vão além dos finais do séc. I a.C.³⁴

Dir-se-ia pois que a ocupação romana com carácter estável das margens do estuário do Sado começou a processar-se na altura em que se efectuava o abandono do Pedrão. Só mais tarde (3.º ocupação) este pequeno povoado voltaria a ser habitado, agora por populações seguramente romanizadas.

³² A. I. Marques da Costa — «Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idades do Bronze e do Ferro no castro de Chibanes», *O Arch. Português*, vol. XV. Lisboa, 1910.

³³ Carlos Tavares da Silva e Mateus Gonçalves Cabrita — «Estações romanas...

³⁴ Informação de Maria Adelaide Garcia Pereira acerca da *terra sigillata* de Tróia.



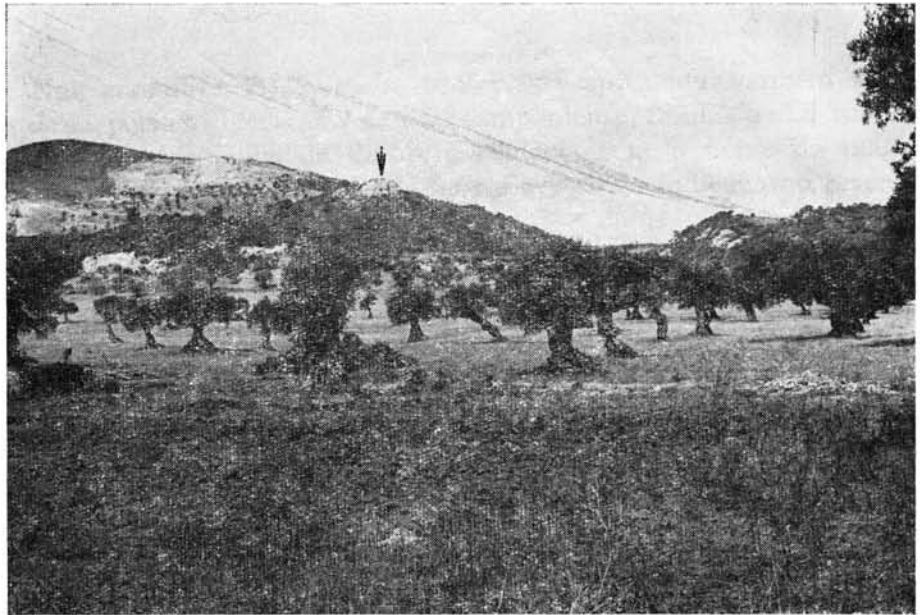


Fig. 3. O Pedrão visto de SE..



Fig. 4. Aspecto da morfologia do Pedrão observado de SW..



Fig. 5. O Pedrão visto de Oeste, de um ponto mais alto da encosta Oriental da serra de S. Luis. Em último plano, a cidade de Setúbal e parte do estuário do Sado.



Fig. 6. Paisagem que se avista do Pedrão para SE.. Abrange-se quase todo o estuário do Sado e parte de Tróia. A seta indica o povoado calcolítico da Rotura.



Fig. 7. Paisagem a Norte do Pedrão. A seta assinala a estação romana do Cabeço Gordo.

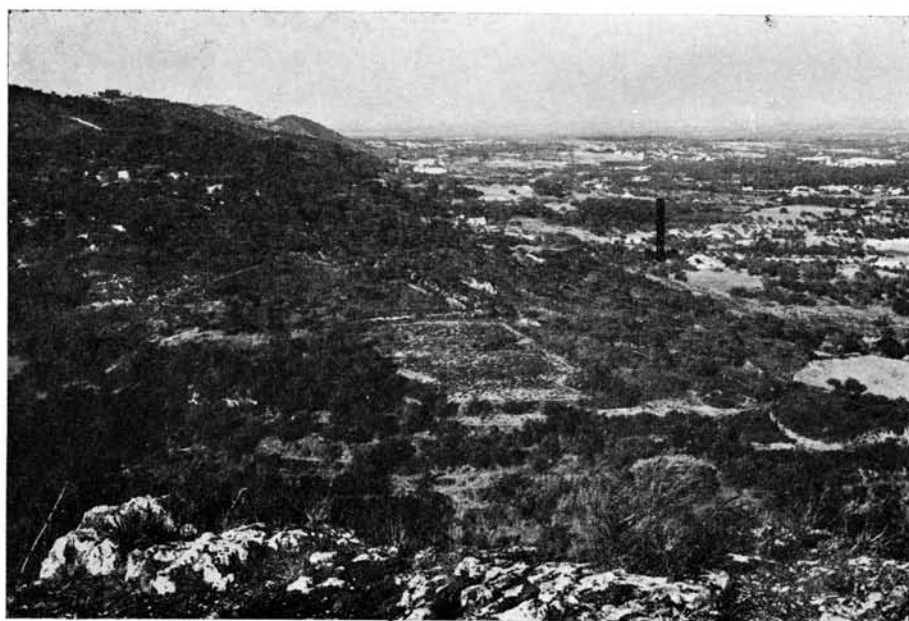


Fig. 8. Vista do Pedrão para NE.. A seta indica a estação romana de Alferrar.



Fig. 9. Aspecto parcial das construções ao longo do amuralhado.
(A distância entre as estacas é de 1 m.).



Fig. 10. Outro aspecto das construções após a remoção da Camada 1a.



Fig. 11. Como se apresentava o amuralhado antes de qualquer escavação.



Fig. 12. O amuralhado após a abertura da sondagem no compartimento 7.
(A espessura do amuralhado é de 1,20 m.).



Fig. 13. Um dos muros da construção central. Do lado esquerdo vê-se parte de outro muro, da mesma construção, paralelo ao primeiro. (A distância entre as estacas é de 1 m.).



Fig. 14. Sondagem realizada no compartimento 7. Surgiu, na C. 3, um «lar» junto do amuralhado. A C. 4, do Calcolítico, mostrou-se, na sua superfície, como um concheiro. É sobre esta última camada que o amuralhado assenta.



Fig. 15. Compartimento 1 após a sua escavação.



Fig. 16. Ânfora *in situ* na C. 2 do compartimento 1. A terra que se encontrava entre os fragmentos era negra. (A trincha mede c. de 0,20 m.).

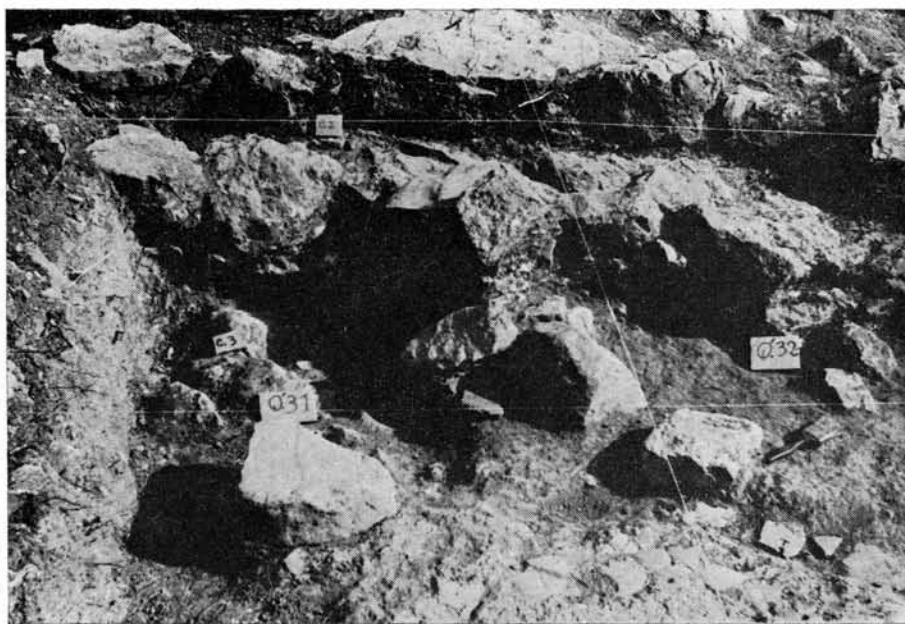


Fig. 17. Compartimento 1. Aspecto da destruição da sua parede Sul, cujas pedras caíram directamente sobre a camada 3, facto que nos permite considerar essa parede do período Proto- Romano. (A distância entre os fios é de 1 m.).

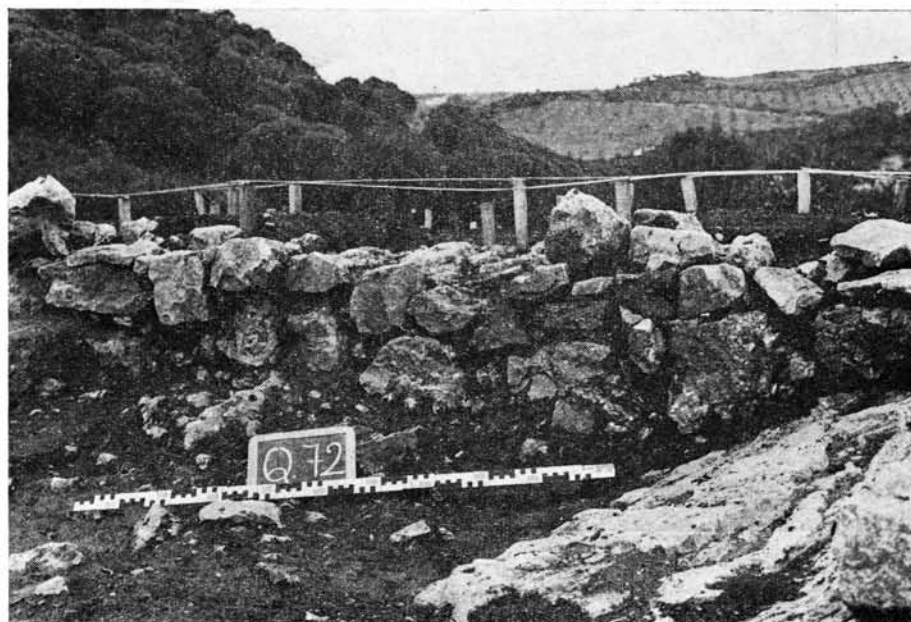


Fig. 18. Compartmento 1. Parede Norte: pormenor do seu aparelho.



Fig. 19. «Lar» do compartimento 1.



Fig. 20. Podão ou foice, in situ.



Fig. 21. Para exumar o podão foi necessário consolidá-lo. No mesmo plano surgiu um machado de pedra polida em fibrolite. O calhau roçado com vestígios de utilização pertence a um plano superior.

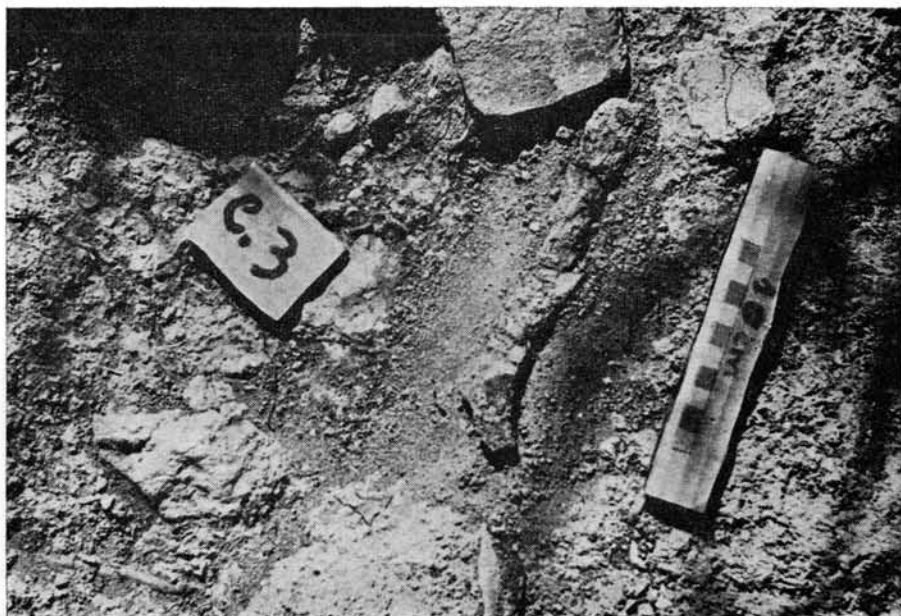


Fig. 22. Sob o podão apareceu uma foice ou roçadeira de alvado.



Fig. 23. Aparecimento do disco de cobre com pequenos orifícios, de um calhau utilizado possivelmente como pilão e, a um nível superior (lado esquerdo), de uma moeda com as duas faces completamente gastas. (O comprimento da régua é de 0,24 m.).



POVOADO DO PEDRÃO SETÚBAL

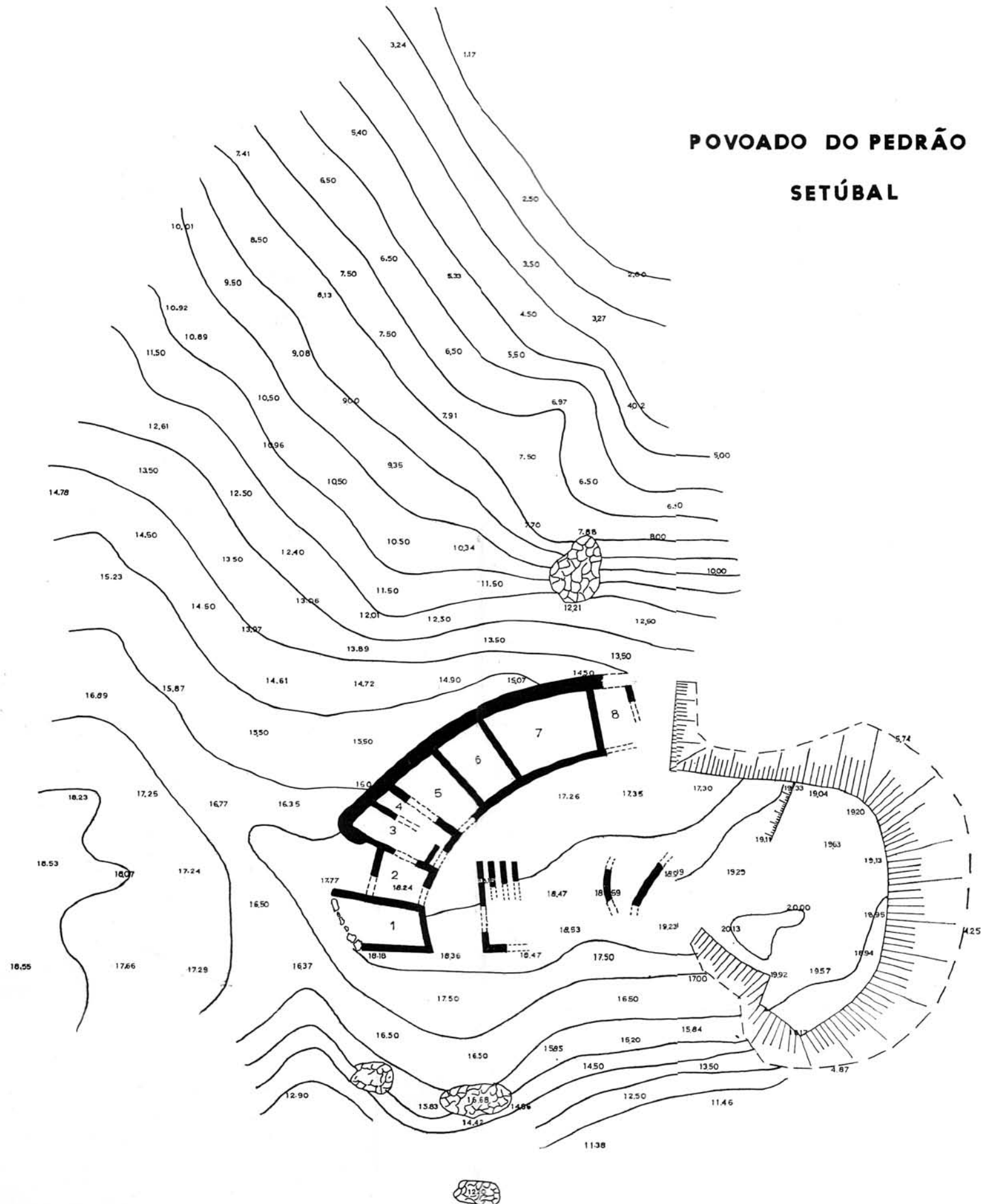


Fig. 24 Levantamento topográfico do Pedrão com as construções assinaladas no fim da primeira campanha de escavações.

0 10m

DISTANCIAS ENTRE AS CURVAS DE NÍVEL 1m

LEVANTAMENTO FEITO NO ANO DE 1972

PEDRÃO – (Setúbal)

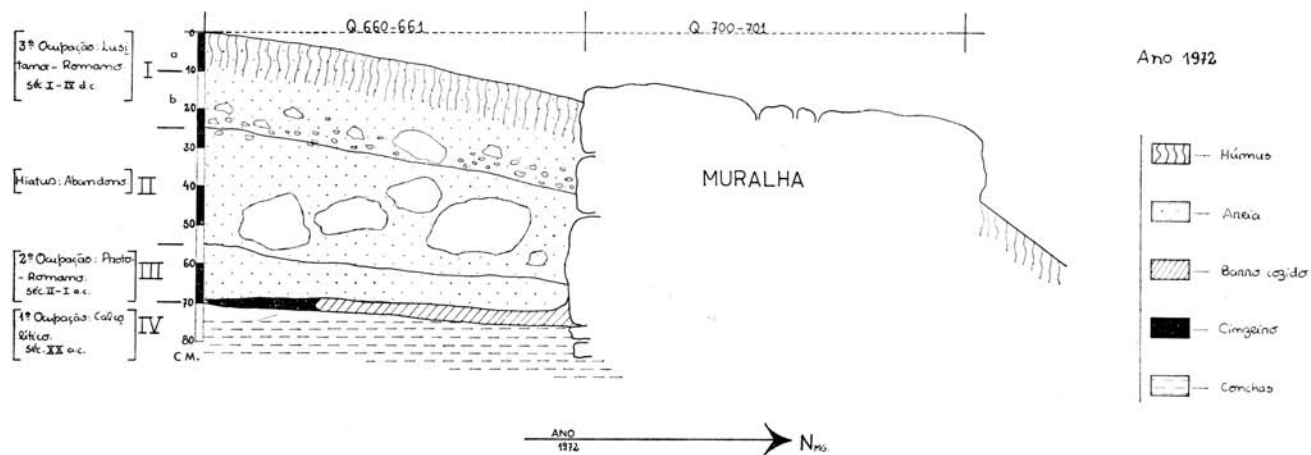


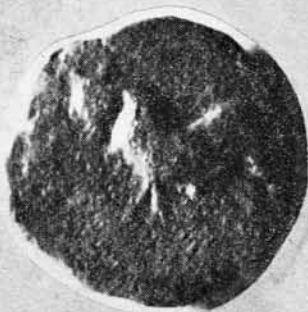
Fig. 25. Corte estratigráfico junto do amuralhado (compartmento 7).



39



71



73

Fig. 27. Moedas hispánicas. (2 x).

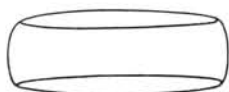
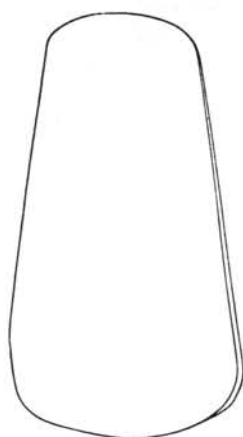


41

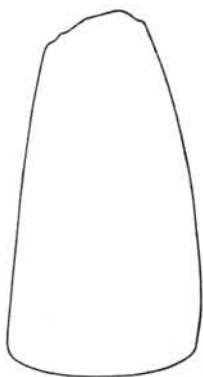


48

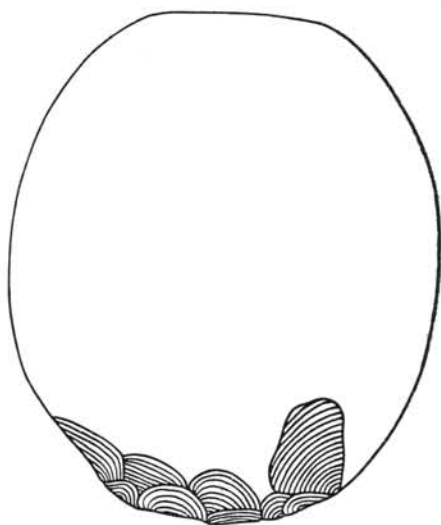
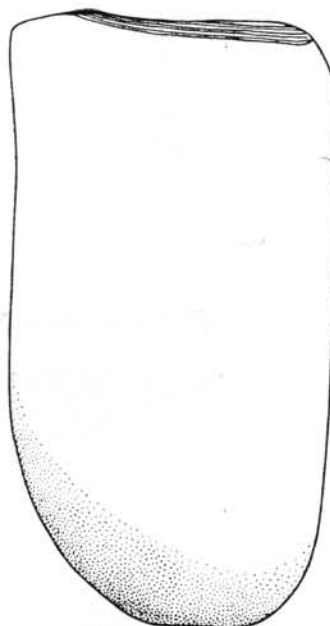
Fig. 28. Moedas romanas republicanas (denarii). (2 x).



1



2



3



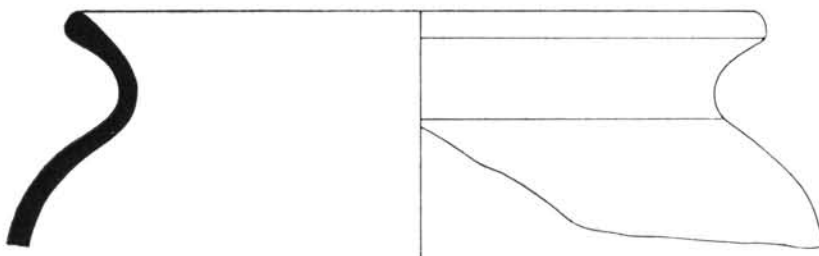
4



9



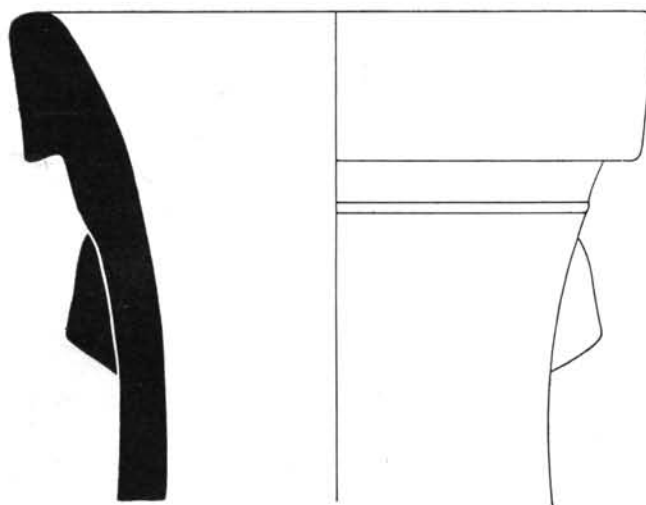
ESTAMPA I



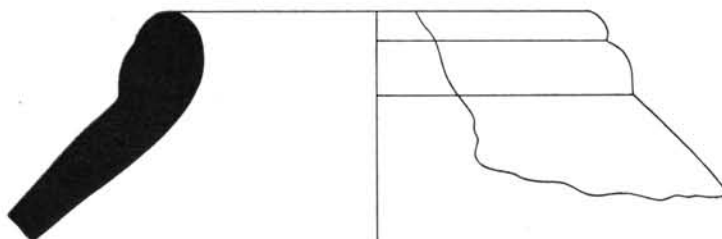
7



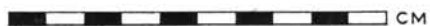
10



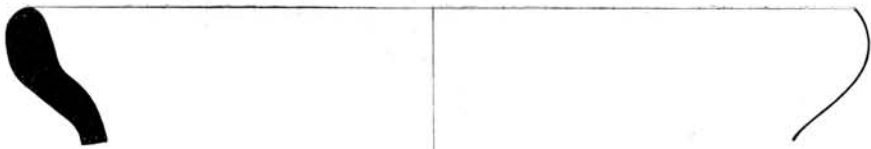
12



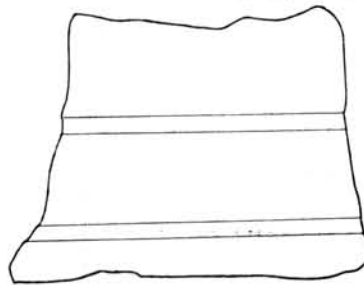
8



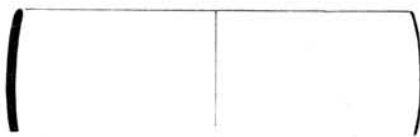
ESTAMPA II



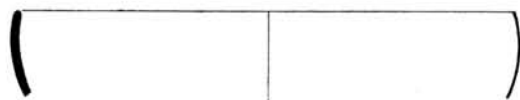
5



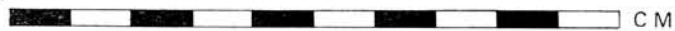
6



19



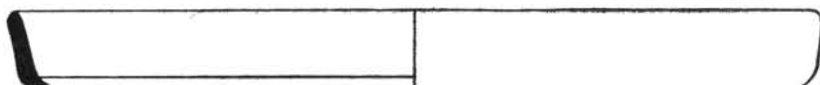
20



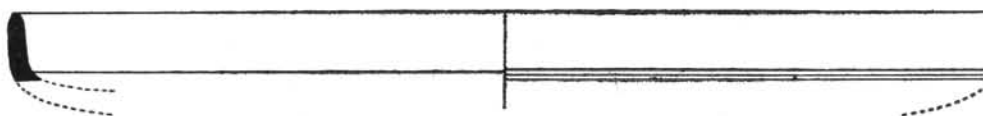
ESTAMPA III



11



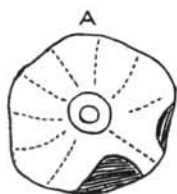
14



15



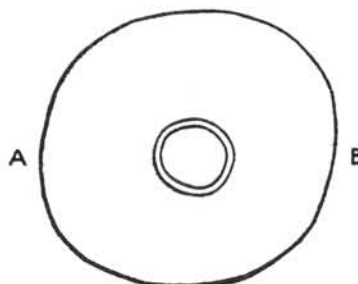
24



25



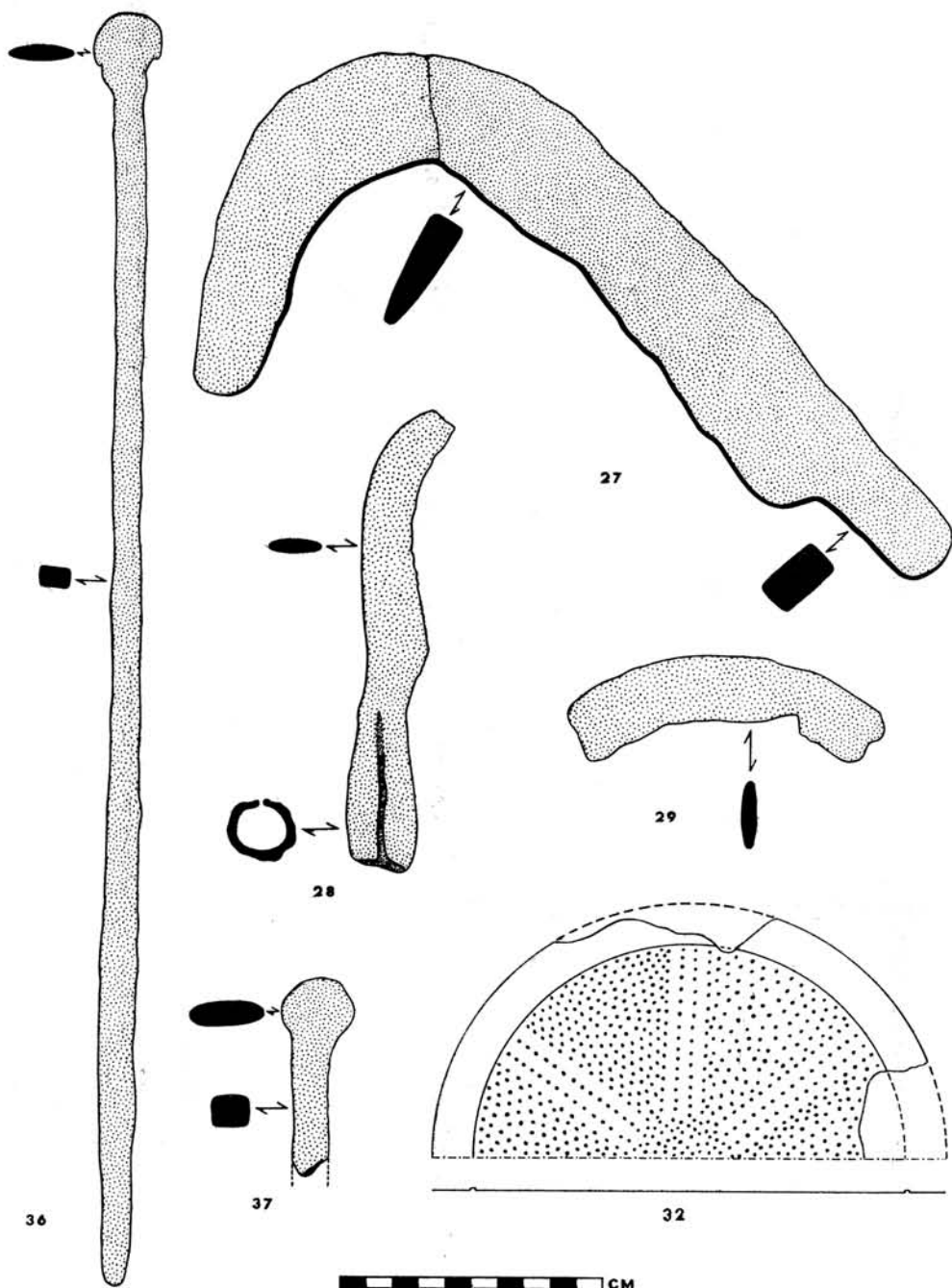
23

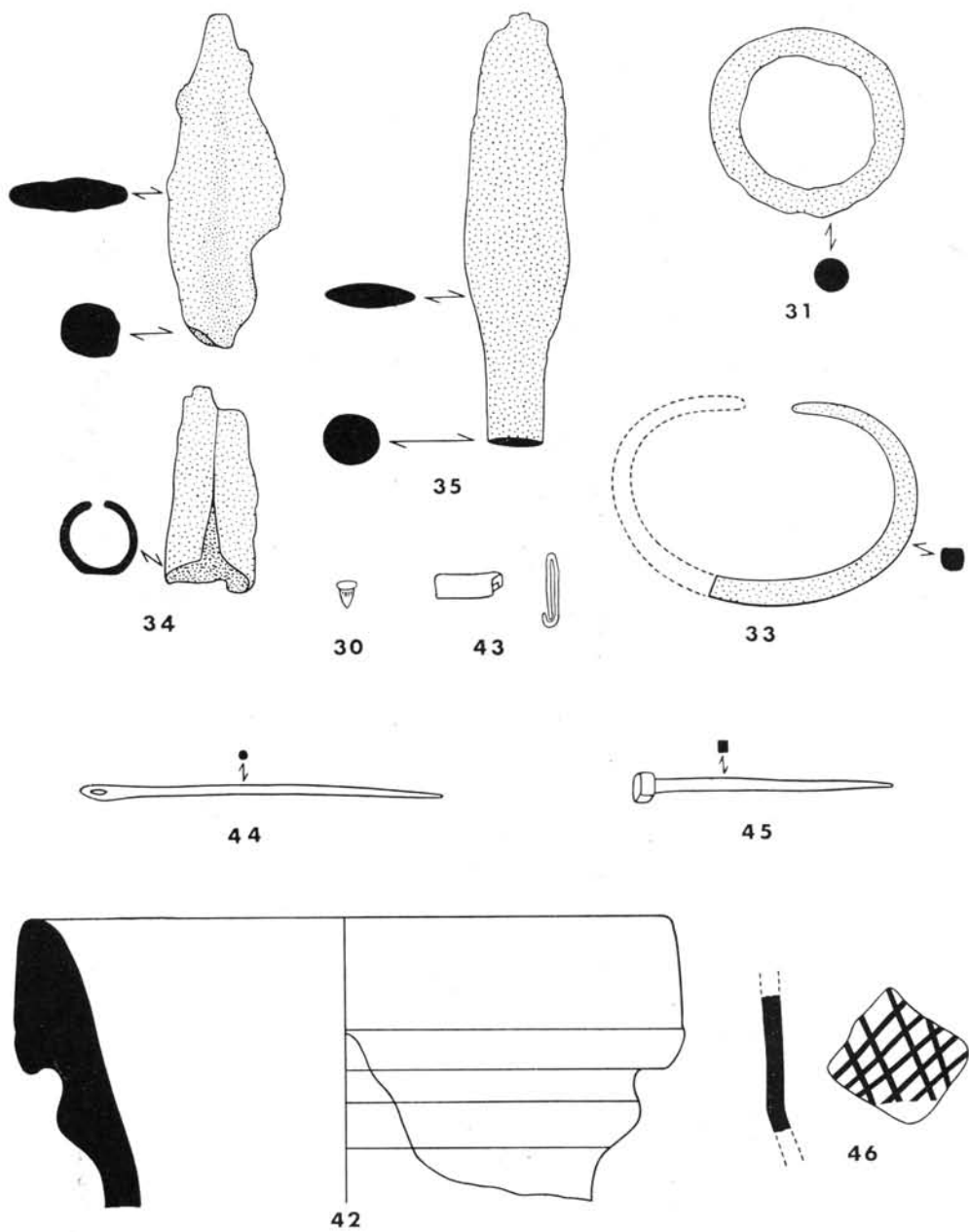


26

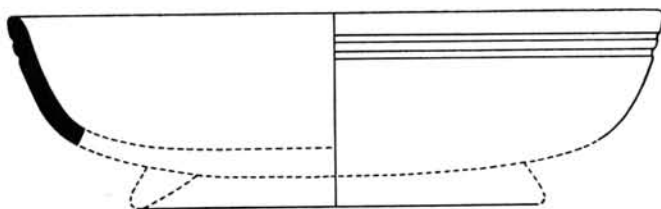


ESTAMPA IV

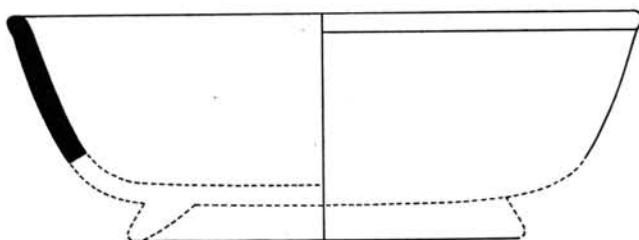




ESTAMPA VI



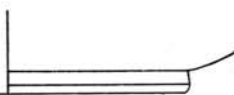
49



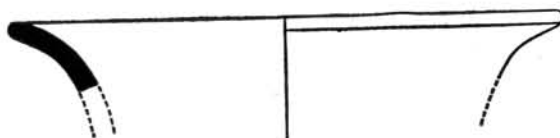
50



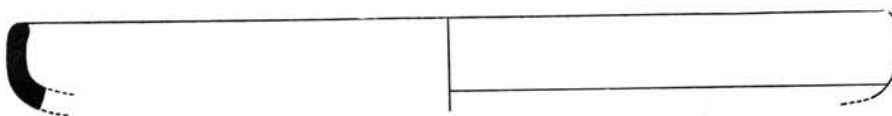
51



53



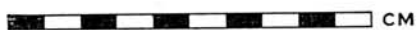
52



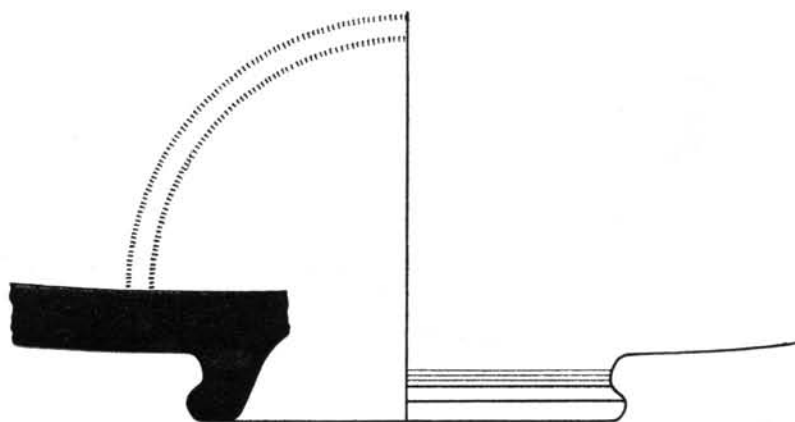
54



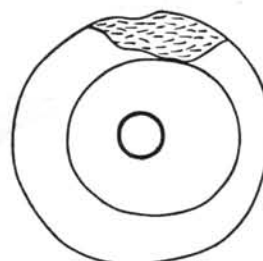
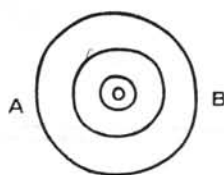
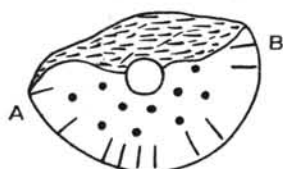
55



ESTAMPA VII



56



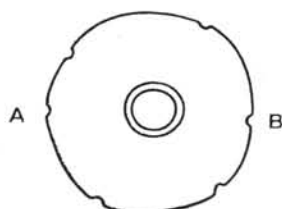
58

60

61



57



62



59



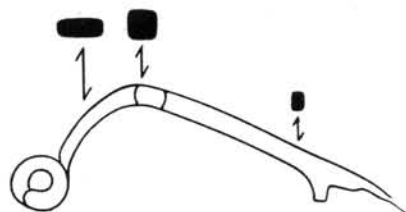
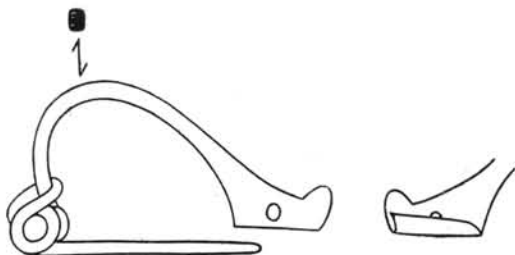
ESTAMPA VIII



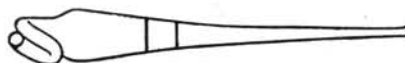
63



64



65



66



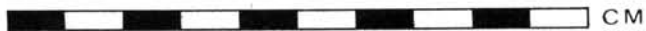
67



68



69



ESTAMPA IX